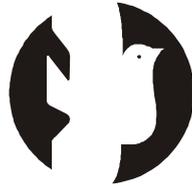


CELSO DURAT JUNIOR



UNIVERSIDADE
SÃO FRANCISCO

O RORSCHACH NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE
ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

ITATIBA
2006

CELSO DURAT JUNIOR

O RORSCHACH NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE
ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação Stricto Sensu da Universidade São
Francisco para obtenção do título de Mestre
em Psicologia.

ORIENTADOR(A): ANNA ELISA DE VILLEMOR AMARAL

ITATIBA
2006

157.932.11 Durat Júnior, Celso.
D956r O Rorschach na avaliação psicológica de
adolescentes em conflito com a lei / Celso Durat
Júnior. -- Itatiba, 2006.
97 p.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-
Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da
Universidade São Francisco.

Orientação de: Anna Elisa de Villemor Amaral

1. Avaliação psicológica. 2. Personalidade.
3. Método de Rorschach. 4. Conflito de adolescentes.
I. Amaral, Anna Elisa de Villemor. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM PSICOLOGIA

O RORSCHACH NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE
ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

Autor(a): Celso Durat Junior

Orientador(a): Anna Elisa de Villemor Amaral

Este exemplar corresponde à redação final da defendida por Celso Durat Junior e aprovada pela comissão examinadora.

Data: 20 / 12 / 2006

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Anna Elisa de Villemor Amaral

Prof^a Dr^a. Norma Lottenberg Semer

Prof^o. Dr. Ricardo Primi

Itatiba
2006

Agradecimentos

A Deus, pela vida e pelo processo de crescimento humano.

À Anna Elisa, minha orientadora pelos ensinamentos, contribuições e pela paciência.

À minha esposa Jacqueline pelo auxílio em todos os momentos e contribuições para a continuidade do Trabalho. Pelo afeto e carinho, e amor, principalmente nos dias de aula, em Itatiba, onde precisava sair de madrugada de Curitiba e viajar 500 Km para assistir aulas, no início da tarde. Sempre telefonava para saber como tinha sido a viagem e as aulas do dia.

A meus pais, Celso e Gilka, por terem se conhecido, casado e dado a possibilidade de eu nascer, pela criação, dedicação, amor, condições essenciais para que me tornasse o que sou.

Ao Prof^o.Dr. Ricardo Primi pela indicação do nome da Anna Elisa e do mestrado em Itatiba, quando foi dar uma palestra em Curitiba, no CRP-08, onde eu era conselheiro.

Aos professores do programa de pós graduação em psicologia da Universidade São Francisco.

A prof^a. Dr^a.Ana Paula Noronha pelos apontamentos na banca de qualificação.

A prof^a. Dr^a. Norma L. Semer pelos apontamentos na banca de arguição final.

Ao colega, doutorando da Universidade São Francisco, Gleiber pelas dicas no SPSS.

Ao Iasp por disponibilizar a pesquisa com os adolescentes em conflito com a lei.

Ao Colégio E. Helena Kolody, por autorizar a coleta de dados dos alunos não infratores, agradeço a todos os professores e funcionários do colégio.

Aos funcionários da secretaria de pós graduação, especialmente a Sra. Roseli Polecci.

As colegas Renata e Rossana pela colaboração em codificar os Rorschach.

Resumo

Durat Jr, C. (2006). *O Rorschach na avaliação psicológica de adolescentes em conflito com a lei*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Universidade São Francisco, Itatiba.

A avaliação psicológica de adolescentes em conflito com a lei é um desafio crescente no século XXI. Buscamos respostas das condutas desses adolescentes que ferem a legislação em confronto com o sistema judiciário. O interesse científico estuda formas de esclarecer o que leva o adolescente a apresentar comportamento infrator. Ao avaliarmos adolescentes infratores estaremos na busca de respostas do que os levam a apresentar um padrão repetitivo de comportamento anti-social. A intenção é de avaliá-los, para conhecê-los e auxiliá-los a mudarem o padrão de conduta. Alguns autores relacionam a delinquência à falta de vida familiar. O objetivo deste estudo foi buscar evidências de validade de critério no Método de Rorschach no Sistema Compreensivo (SC) para avaliação de adolescentes infratores, do sexo masculino, privados de liberdade que cometeram furto e homicídio. Participaram do estudo 120 adolescentes: 40 homicidas, 40 que cometeram furto e 40 sem envolvimento infracional. As variáveis do Rorschach selecionadas para o estudo foram as respostas no espaço em branco (S), o quociente afetivo (Afr), o grau de modulação das descargas e trocas emocionais (FC:CF+C), o movimento agressivo (Ag), o relacionamento interpessoal (GHR:PHR), o controle e tolerância ao estresse(D), e estresse situacional (AdjD), as respostas de movimento humano (M) e a qualidade forma (FQ). Os resultados mostraram-se precisos, isto é, houve uma grande concordância na codificação dos protocolos codificados pelo pesquisador e dos protocolos codificados por juízes independentes. Diferenças estatisticamente significativas foram observadas nos indicadores PHR:GHR e nota AdjD entre homicidas e não infratores; AdjD, M e Mo com FQo entre homicidas e que praticaram furto. Ao associar o índice de extratensão com respostas C e a proporção PHR>GHR com resposta C, obteve-se diferença estatisticamente significativa entre homicidas e não infratores, onde os homicidas apresentaram maior frequência de respostas nessa proporção com respostas C. Os resultados identificaram indicadores que discriminam adolescentes com diversos tipos de delito pelo Método de Rorschach no SC, demonstrando a contribuição desse Método de investigação para orientação e encaminhamento desses adolescentes.

Palavras-chave: Avaliação psicológica; Adolescentes Infratores; Método de Rorschach; Sistema Compreensivo.

Abstract

Durat Jr, C. (2006). *Rorschach in the psychological assesment of adolescents in conflict with the law*. Master's Thesis, Graduate Program in Psychology, University of San Francisco, Itatiba.

The psychological evaluation of adolescents in conflict with the law is a growing challenge in the XXI century. We look for answers of these adolescents conduct that wound the legislation in confront with judicial system. The scientific interest studies forms to clear up what takes the adolescents to present an infractor behavior. When we evaluate infractors adolescents we will be looking for answers that make them to present a repetitive pattern of anti social behavior. The intention is to evaluate them, to know them and help them to change the conduct pattern. Some authors connect the delinquency to the fault of familiar life. The objective of this study was to look for evidences in the criterio validity in the Comprehensive system Rorschach Method (SC) to evaluate infractors adolescents, masculine sex, privates of freedom that commit robbery and homicide. 120 teenagers participate of study. 40 homicides, 40 that commit robbery and 40 without infringement involved. The Rorschach variables selected for the study was the answers in the blank spaces, the affective quotient (Afr), the emotional degree of modulation of the discharges and exchanges(FC:CF+C), the aggressive movement(Ag), the interpersonal relationship (GHR:PHR), the control and tolerance to stress it (D) and stress situational (AdjD), the answers of human movement and the formal quality. The results have revealed necessary, that is it had a great agreement in the agreement in the codification of the protocols codified for independent judges. Estatisticaly significant differences had been observed in pointers PHR:GHR and AdjD note between homicides and not infractors; AdjD, M and Mo with FQo between homicides and that they had practiced robbery. When associating the index of extratension with reply C the ratio PHR>GHR with reply C, significant difference between homicides has gotten statistically and not infractors, where the homicides had presented greater frequency of answers in this ratio with answers C. The results had identified pointers that adolescents with diverse types of delict for the Method of Rorschach in the SC discriminate, demonstrating the contribution of this method of inquiry for orientation and guiding of these adolescents.

KeyWords: Psychological assessment: Offenders Adolescents; Rorschach: Comprehensive System.

Sumário

LISTA DE TABELAS	vii
APRESENTAÇÃO.....	01
INTRODUÇÃO	04
CAPÍTULO 1.....	04
1.1 A adolescência	04
1.2 Adolescência e delinquência.....	10
1.3 Avaliação Psicológica.....	28
1.4 O Rorschach.....	31
1.5 O Rorschach no estudo de criminosos e infratores.....	35
OBJETIVO	44
MÉTODO.....	45
Participantes.....	45
o Método de Rorschach	47
Procedimento	53
RESULTADOS.....	55
Estudo de Precisão entre avaliadores	55
Descrição da Amostra.....	56
Variáveis referentes às hipóteses em estudo	57
DISCUSSÃO.....	68
CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	84
ANEXO 1 - Variáveis com o índice Kappa	90
ANEXO 2 - Tabela estatística descritiva - adolescentes não infratores. ...	93
ANEXO 3 - Tabela estatística descritiva - adolescentes com furto.	95
ANEXO 4 - Tabela estatística descritiva - adolescentes com homicídio.	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Média e desvio padrão relativo a escolaridade e idade dos adolescentes	45
Tabela 2- Distribuição de frequência e porcentagem da escolaridade dos três grupos	46
Tabela 3- Distribuição de frequência e porcentagem de respostas S... ..	57
Tabela 4- Distribuição de frequência e porcentagem conforme a presença do quociente afetivo (Afr)... ..	58
Tabela 5- Distribuição de frequência e porcentagem nos três grupos com a proporção FC:CF+C... ..	59
Tabela 6- Distribuição de frequência e porcentagem com respostas que contem movimento agressivo Ag.	60
Tabela 7- . Distribuição de frequência e porcentagem com respostas do índice GHR:PHR	61
Tabela 8- Distribuição de frequência e porcentagem com relação a nota D.. ..	62
Tabela 9- Distribuição de frequência e porcentagem com relação a nota AdjD... ..	63
Tabela 10- Distribuição de frequência e porcentagem de respostas M... ..	64
Tabela 11- Distribuição de frequência e porcentagem de respostas M considerando a FQ... ..	65

APRESENTAÇÃO

Ao desenvolver um projeto como este onde o foco encontra-se na avaliação psicológica de adolescentes que por inúmeras razões ultrapassa as fronteiras do permitido pela sociedade. Adolescentes que demonstram condutas que ferem a legislação, confrontando-se com o sistema judiciário, e em muitos casos, sendo privados de sua liberdade, por um determinado tempo, entende-se necessária uma reflexão crítica sobre este período da vida denominado adolescência.

Adolescentes e adolescentes infratores desafiam a tudo e a todos, o desafio do adolescente expresso na transgressão de todo e qualquer limite, é o desafio dos profissionais que dele se ocupam. E os adolescentes em conflito com a lei mais comumente chamados de adolescentes infratores é que será avaliado e estudado pelo Método de Rorschach.

O trabalho está organizado em partes que serão discutidas com alguns tópicos que se inter-relacionam buscando ao longo do trabalho uma compreensão sobre o adolescente e o adolescente que se encontra em conflito com a lei.

Inicialmente foi feito um breve levantamento da história das concepções sobre a adolescência. Ver-se-á que em todas as épocas sempre existiram pessoas em idade adolescente, no entanto em muitas sociedades a infância era deixada para trás por ‘rituais de passagem’, e entrava-se na idade adulta.

No final do século XIX, início do século XX foi criado o conceito de adolescência como o conhecemos hoje, e iniciaram-se os estudos científicos sobre esta fase da vida das pessoas.

Para prevenir ou para tratar, as avaliações são pontos de partida importante para se saber onde pretende se chegar. Ao questionar-se sobre o que leva um adolescente a

apresentar um padrão repetitivo e persistente de comportamento anti-social ou desafiador que em seu extremo, conduz a importantes rompimentos com as expectativas que a sociedade apresenta para aquele indivíduo naquela fase de vida, estaremos de certa forma buscando respostas a esses questionamentos. Serão apresentadas pesquisas que ocorreram com jovens infratores e criminosos incluindo estudos com o Método de Rorschach.

A constatação que se chega é de que não há muitos estudos publicados especificamente sobre adolescentes infratores pelo Método de Rorschach, tanto no Brasil como no exterior. E se formos considerar estudos do Rorschach pelo Sistema Compreensivo, a quantidade diminui mais ainda.

O objetivo do presente trabalho é buscar evidências de validade de critério no Método de Rorschach, no Sistema Compreensivo para avaliação de adolescentes em conflito com a lei, do sexo masculino, que estão privados da liberdade, por terem cometido atos infracionais que resultaram em furto ou atos infracionais que resultaram em morte da vítima.

O presente trabalho apresenta como justificativa a avaliação de adolescentes infratores. A avaliação psicológica assume grande importância, seja quando esses jovens adentram à internação, seja na proximidade do momento de retornar ao meio social. Entretanto, há falta de estudos que demonstrem a validade de instrumentos e indicadores fidedignos para avaliar o adolescente nesses momentos.

As Diretrizes das Nações Unidas para a prevenção da delinquência juvenil, deixam claro que: “Os programas de prevenção da delinquência deverão ser planejados e executados com base em conclusões confiáveis que sejam o resultado de uma pesquisa científica e, periodicamente, deverão ser revisados, avaliados e readaptados de acordo com essas conclusões” (Volpi, 1997).

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), há a indicação de que para os adolescentes internados haja a integridade física e mental, conforme o art. 125 do ECA. Também no Estatuto em seus art. 150 e 151 a informação da necessidade de uma equipe técnica, dentre outras atribuições deverá fornecer subsídios por escrito, mediante laudos, e desenvolver trabalhos de aconselhamento, orientação, encaminhamento e prevenção, do ponto de vista técnico (ECA, 1990).

Serão selecionadas algumas variáveis no Rorschach para se proceder a investigação. Essas variáveis apoiadas em pressupostos teóricos são as respostas no espaço branco, quociente afetivo, o grau de modulação das descargas e trocas emocionais, respostas com movimento agressivo, e ao controle e tolerância ao estresse e estresse situacional.

INTRODUÇÃO

Capítulo 1

1. 1 - A adolescência

Desde que a história vem sendo registrada, o estudo e a busca de conhecimento acerca da adolescência e de suas inúmeras relações com a sociedade tem sido objeto de estudo.

Na Grécia antiga, Platão e Aristóteles no século IV a. C comentavam sobre a juventude, onde a diferenciava da fase das crianças por apresentarem raciocínio e a habilidade para escolher, o que seria uma marca da maturidade. Aristóteles também comentava que os jovens pensam que sabem tudo, e têm certeza absoluta disso (Santrock, 2003).

No período do século I d.C., durante o Império Romano, aos 14 anos o jovem abandonava as vestes infantis e passava a ter o direito de fazer o que um jovem gostava de fazer. Esse marco que separava a criança do adolescente era decidido pelo pai.

Na Idade Média, o chamado jovem do sexo masculino, entrava no mundo adulto pelo ritual da barbatoria, cerimônia que se seguia ao primeiro barbear do rapaz, sendo que o pelo era a prova de que a criança tornara-se homem e, a qualidade da agressividade poderia ser cultivada, para a formação do guerreiro. Ainda que houvesse uma classificação dos diferentes períodos da vida (infância e puerilidade, juventude, velhice), não havia lugar para a adolescência que era confundida com a infância. Conheciam-se apenas a palavra *enfant* (criança). Havia como que uma ambigüidade entre a infância e a adolescência e a juventude. A idéia que temos hoje sobre a adolescência demoraria a se formar, tanto que o primeiro adolescente moderno típico foi o *Siegfried* de Wagner: a música de *Siegfried* pela

primeira vez exprimiu a mistura de pureza (provisória), de força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver que proporcionaria ao adolescente tornar-se um tema literário, e uma preocupação nas abordagens legais, disciplinadoras e educacionais, que faria do adolescente o herói do século XX. Esse fenômeno, que surgiu na Alemanha, mais tarde estaria na França em torno do ano 1900. Começou-se a desejar saber seriamente o que pensava o adolescente e surgiram pesquisas sobre ela, como as de Massis e de Henriot (Ariès, 1978).

Assim a adolescência como a conhecemos é um fenômeno relativamente recente e que ganhou importância histórica há pouco tempo. Antes do século XX não era considerada como um estágio do desenvolvimento e ao contrário, as crianças passavam pela puberdade entrando imediatamente em alguma espécie de aprendizado no mundo adulto (Papalia, 1981).

É no século XVIII que aparecem as primeiras tentativas de se definir, claramente, a adolescência. Mas, somente no final do século XIX e século XX, é que ‘nasce’ o adolescente. Esse, ‘adolescente’, é uma invenção do século XIX, referido, sobretudo, na medicina e na legislação, quando começou a haver interesse sobre o que o adolescente pensa, faz e sente. Definiu-se claramente a puberdade e as mudanças psíquicas, para que tivéssemos a imagem do adolescente atual (Lepre, 2003).

A palavra adolescência tem uma dupla origem etimológica e caracteriza muito bem as peculiaridades desta etapa da vida. Ela vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), significando a condição ou processo de crescimento, em resumo o indivíduo apto a crescer. Adolescência também deriva de *adolescere* (do latim *adolescere*), significa adoecer, enfermar. Temos nessa dupla origem etimológica, um elemento para pensar nessa etapa da vida: aptidão para crescer, não apenas no sentido físico, mas também psíquico, e para

adoecer, em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nessa faixa da vida (Outeiral, 1994).

O mesmo autor esclarece que quando falamos de adolescência temos de pensar em dois elementos básicos: o primeiro é que devemos considerar que existem distintas experiências adolescentes, e estas, embora com elementos em comum, dependem dos aspectos psicológicos e sociais de onde vive o adolescente; o segundo é que necessitamos compreender que a adolescência tem diferentes fases e que estas têm características muito particulares.

A literatura sobre psicologia do desenvolvimento, psicologia clínica e psiquiatria têm dedicado elevada atenção aos problemas que ocorrem com o indivíduo no período da vida denominado adolescência.

Quanto ao período etário que corresponde à adolescência, observa-se uma variação na bibliografia analisada. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), os limites etários para esse grupo estão entre 10 e 21 anos de idade, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece 12 completos e 18 incompletos e o Programa de Saúde do Adolescente (Prosad), entre 10 e 19 anos (Cunha, 2000, citado em Brito, 2000).

Einstein, Ruzany e Gaensly (1987, citados por Cunha, 2000) definem a adolescência como um conceito psicológico e cultural que compreende a etapa do desenvolvimento em que o indivíduo busca independência, separação de seus pais, identidade pessoal e sexual e emancipação social.

Primeiro psicólogo a formular uma teoria da adolescência, considerado o precursor do estudo científico da adolescência, Stanley Hall (1904) publicou a obra pioneira, chamada *Adolescence – its psychology and its relation to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*, em dois volumes, respectivamente com 58 e 784 páginas, na qual defendia o ponto de vista de que os fatores determinados

geneticamente ocasionam as reações psicológicas. Concebeu a adolescência como uma parte de sua teoria principal, que “a ontogenia recapitula a filogenia”, e que adolescência representa um turbulento e transitório estágio da raça humana. Hall entendia que o ambiente tem papel mínimo no desenvolvimento na infância, no entanto para o período da adolescência o ambiente respondia por mudanças no desenvolvimento. Para o autor, o ser humano, durante seu desenvolvimento passa por estágios, os principais são a primeira infância, infância, juventude e adolescência. A juventude de 8 a 12 anos constitui o período, conhecido como ‘pré-adolescência’. O período da adolescência encontra-se entre 12 e 25 anos de idade e é recheado de tempestade e tensão. A perspectiva de tempestade e tensão é o conceito de Hall de que “a adolescência é um período turbulento, impregnado de conflito e oscilações de humor”. A descrição da vida emocional do adolescente por Hall seria como uma oscilação entre tendências contraditórias: a energia, exaltação e superatividade são seguidas por indiferença, letargia, desprezo; a alegria, gargalhadas e euforia cedem lugar a disforia, e melancolia e assim por diante (Santrock, 2003,).

Freud (1928) considerava que nos desenvolvemos em estágios psicosssexuais, e que a personalidade básica é moldada nos primeiros cinco anos de vida. A personalidade tem três estruturas: o id, que consiste em instintos, os quais constituem o reservatório de energia psíquica do indivíduo, sendo totalmente inconsciente e sem contato com a realidade; o ego, estrutura que lida com as demandas da realidade; e o superego, estrutura que constitui o ramo moral da personalidade, que leva em consideração se alguma coisa é certa ou errada. Freud achava que a vida dos adolescentes era repleta de tensão e conflito.

Anna Freud (1946) considerava os anos adolescentes como mais importantes para a formação do caráter. As mudanças glandulares que produzem as mudanças fisiológicas também afetam o funcionamento psicológico. A libido é redespertada e ameaça o equilíbrio id-ego mantido durante os anos de latência. Os conflitos resultantes causam ansiedade e

possivelmente temores e sintomas neuróticos, os quais solicitam as defesas da repressão, rejeição e deslocamento. Visando evitar serem avassalados por impulsos instintivos, os adolescentes empregam mecanismos de defesa do ego, como a intelectualização (trasladação de suas percepções para pensamento abstrato) e ascetismo (auto-rejeição).

Erikson (1968) reconheceu as contribuições de Freud, mas afirmou que nos desenvolvemos em estágios psicossociais, enfatizando a mudança desenvolvimentista ao longo de toda a vida humana e considerando que passamos por oito estágios. Confiança versus desconfiança é o primeiro estágio, onde um senso de confiança acarreta um sentimento físico e uma quantidade mínima de medo e apreensão pelo futuro, ocorre no primeiro ano de vida. Autonomia versus vergonha e dúvida é o segundo estágio, ocorre na primeira infância (um a três anos), e depois de adquirir confiança nos seus cuidadores, os bebês passam a descobrir que seu comportamento é próprio. Começam a perceber sua vontade e o senso de autonomia. O terceiro estágio é o da iniciativa versus a culpa, que ocorre durante os anos pré - escolares. Produtividade versus inferioridade é o quarto estágio, que ocorre nos anos de escola primária, próximo dos seis anos de idade à puberdade, no qual a iniciativa das crianças as coloca em contato com novas experiências, concentrando suas energias para dominar o conhecimento e as habilidades intelectuais. A identidade versus a confusão de identidade é o quinto estágio de desenvolvimento, experimentado durante os anos da adolescência, entre os 10 aos 20 anos, onde há como que uma crise que envolve identidade em contraposição a confusão de papel. O crescimento do corpo e a maturidade genital enfatizam aos jovens sua situação iminente, e eles começam a questionar seus papéis na sociedade adulta. A tarefa mais importante da adolescência é descobrir: Quem eu sou? , O que eu sou? E Para onde vou? Os outros estágios adentram a fase adulta e entende-se desnecessário citá-los nesse trabalho.

Santos (2002) faz algumas reflexões interessantes sobre as implicações contemporâneas das concepções modernas de infância e adolescência que podem ser assim resumidas:

- 1- Haveria uma desconexão e dessintonia entre os compromissos teóricos e os fatos, que têm como consequência uma dicotomização (inato x adquirido, universal x particular, racional x emocional) e uma tendência à ideologização;
- 2- Um presentismo caracterizado pela utilização de conceitos ou concepções do passado nas proposições atuais;
- 3- Generalizações inconsistentes a partir de estudos sem rigor metodológico ou de concepções vigentes em todas as culturas ou nas atitudes e comportamentos nas relações pais - filhos;
- 4- A presença de uma relativização extremada no sentido de que os estudos sobre adolescência são fundamentados em um único tipo de jovem, ou seja, homem – branco – burguês – racional – ocidental, oriundo em geral, da Europa Centro – ocidental ou dos Estados Unidos da América, nunca do terceiro mundo. O adolescente estudado pertence à classe média /alta urbana e nunca a outras classes sociais, etnias ou a contextos como o rural;
- 5- As concepções são marcadas pelo adultocentrismo, o parâmetro é sempre o adulto.

1.2 - Adolescência e delinquência

No século XX, com o avanço dos estudos sobre a adolescência, e a construção de várias teorias, a problemática do comportamento infrator ou delinqüente ou criminoso nessa fase de desenvolvimento, começa a ganhar destaque e o interesse crescente. Movidos tanto por interesses estritamente científicos como por evidentes necessidades sociais, pesquisadores buscam esclarecer ou responder o que leva o indivíduo para esse tipo de conduta delitiva em particular, e num sentido mais amplo para o nível de uma conduta anti-social.

Klein (1927) também aponta como ponto estratégico do desenvolvimento das condutas criminais o Complexo de Édipo, mas refere-se ao precoce, que se desenvolve no segundo semestre de vida. Toda a dinâmica que conduz à situação edípica tal como descrita por Freud permanece aceita com duas diferenças: a coexistência entre as fantasias genitais e pré-genitais e a presença de um superego precoce e severo “o responsável do comportamento característico de pessoas associais e criminosas”.

A autora acentua que não existe nenhuma criança que não passe por momentos de medo, dificuldades e ansiedade, acrescentando que as tendências criminosas não são algo exclusivo de certos indivíduos, mas que estão presentes em todos nós, ainda que seja em níveis muito inconscientes.

Segundo Freud (1946), em grande parte dos casos o sentimento de culpa não só se encontra presente na mente de um criminoso, como preexiste ao próprio ato anti-social. Assim, o crime acontece em função da culpa inconsciente e é usado para racionalizá-la. A psicodinâmica do criminoso remontaria à situação edípica, tal como vivida por uma personalidade com forte disposição bissexual constitucional, que permite experimentar o

complexo tanto em seu pólo positivo quanto negativo. Em termos da etiologia do comportamento criminoso, Freud assinala como fator principal a intensidade da disposição bissexual inata e, secundariamente, a severidade e rigidez paterna, argumentando que as reações edípicas dessa natureza podem desaparecer se não forem sustentadas pela realidade.

Winnicott (1965) relaciona a delinqüência à “falta de vida familiar e, e em função da problemática familiar, a criança anti-social apela para a sociedade em lugar de recorrer à própria família ou à escola, para que lhe proporcione a estabilidade que necessita a fim de superar as primeiras e essenciais etapas de seu crescimento emocional”.

As relações interfamiliares são importantes para a criança, sobretudo na primeira infância. O primitivo vínculo mãe-bebê quando tocado por frustração e ansiedade excessivas, fantasiadas ou corroboradas pela figura materna ou um ambiente patológico, produz um curto circuito no desenvolvimento psíquico da criança, afetando definitivamente a construção do seu mundo interno e a sua percepção da realidade externa. A criança que segue a um desenvolvimento anômalo deste tipo, e que precocemente apresenta comportamentos anti-sociais ou pré - delitivos, terá uma dupla problemática ao chegar à adolescência: por um lado, as condutas familiares, e institucionais que a colocam sob o estigma, e a etiqueta de delinqüente uma autopercepção. Assume a etiqueta adotando uma identidade negativa e uma autopercepção de marginal e delinqüente. Além disso, a situação conflitiva, reforçada pela própria crise da adolescência, acentua as características mais perniciosas do processo. No quadro estamos diante de um delinqüente na juventude socialmente rotulado, imerso num quadro psico – patológico bem especial e pronto para aumentar sua atividade anti-social.

Winnicott (1987) postula que o sentimento de culpa também está presente nas crianças com tendências criminais, e é algo fundamental na natureza humana. A tendência anti-social, não estaria relacionada à ausência ou a um tipo específico de funcionamento

superegóico, sua origem repousaria em um “complexo de privação”. Dessa maneira, o desenvolvimento da tendência anti-social vincula-se a uma falta do ambiente que proporcione à criança certas características essenciais da vida familiar, em um estágio de desenvolvimento que lhe permita compreender que a causa do desastre é externa.

Winnicott (1987) afirma que existiriam sempre duas vertentes na tendência anti-social: o roubo, onde a criança procura algo em algum lugar e, não encontrando, busca-o em outro, na esperança de ainda encontrá-lo; e a destrutividade, onde a busca é por uma estabilidade ambiental, que tolere a tensão originada do comportamento impulsivo a qual permite à criança mover-se e exercitar-se.

O mesmo autor admite a existência de uma tendência anti-social normal em qualquer ser humano e, portanto, sem expressão psicopatológica. Define-a como todo comportamento que fuja à regra social vigente. Tal conceituação é extremamente abrangente na medida em que inclui não apenas os “atos delituosos” anteriormente definidos, mas também todos os comportamentos considerados socialmente inadequados. Segundo o autor, os primeiros sinais da tendência anti-social já são encontrados no bebê, sob a forma de avidez ou inapetência.

O autor afirma ainda que sendo a tendência anti-social algo normal por constituir-se numa reação humana natural, inata, deve ser ligada adequadamente para que não se estruture num comportamento delinqüente repetitivo, nesse caso de cronificação, daí sim se pode falar em psicopatologia. A tendência anti - social seria diferente da delinqüência, pois está presente em crianças normais ou quase normais, e se relaciona as dificuldades presentes no desenvolvimento emocional. Implica esperança, uma busca de alguém que a perceba, através do roubo, da agressão e das desordens, já a delinqüência estaria carregada de ganhos secundários.

Winnicott (1987) apresenta esquematicamente como seria o desenvolvimento da delinqüência em uma criança:

1°-As coisas corriam bastante bem para a criança, isto é, havia catexia da mãe-objeto. 2°-Em seguida aparece alguma perturbação, interrompendo a catexia objetal. 3°-A criança foi exigida além de sua capacidade. As defesas egóicas desmoronaram. 4° A criança começa a ter esperanças de novo, e organiza atos anti-sociais na esperança de compelir a sociedade a retroceder com ela à posição em que as coisas deram errado, e a reconhecer este fato. 5° Se os objetos afetivos da realidade social exterior reconhecerem o mal, através, por exemplo, de um período de complacência expresso pela ação ou pela palavra, então a criança pode retornar ao período que antecedeu o momento de provação e redescobrir o objeto bom e o bom ambiente humano que por existir originalmente, tornou-se capaz de experimentar impulsos, inclusive os destrutivos.

Portanto o comportamento anti-social expressa uma esperança, uma crença num ambiente humano e social que reconheça o mal estar da criança.

Em busca de um conceito de delinqüência na adolescência, uma constatação é encontrada: a de que não é possível, pelo menos até o momento, partir de um conceito unitário, universalmente válido e aceito, de delinqüência na adolescência. Há várias acepções e abordagens que se dão ao fenômeno. Na seqüência serão apresentados alguns posicionamentos de autores sobre a problemática do adolescente infrator.

Middendorff (1964, citado por Trindade, 1996) evidenciando de que é melhor prevenir do que sancionar entende por delinqüência na adolescência a conduta dos jovens desaprovada pela comunidade e determinante de uma intervenção do Estado, com observância dos limites de idades vigentes e dos preceitos relativos a responsabilidade penal.

West (1973, citado em Chamorro, 1991), refere-se a dados obtidos mediante investigações em vários reformatórios ingleses, faz uma extensa relação entre circunstâncias sociais, econômicas e familiares e sua íntima relação com a delinquência.

Bakwin e Bakwin (1974, citados por Trindade, 1996) consideram delinquência na adolescência não só a violação de uma lei ou de um regulamento, mas também a conduta do indivíduo que lese profundamente os direitos de outras pessoas ou ameace o bem estar do próprio agente ou da comunidade.

Nesse mesmo sentido, Grinberg (1976, citado em Chamorro, 1991), cita a experiência de abandono e maus tratos como base do delito ou psicopatia de muitas crianças.

Franckini e Francesco (1981, citados por Trindade, 1996), consideram o delinqüente juvenil a pessoa em idade evolutiva, de conduta anti-social, no qual devem ser aplicados os meios mais adequados a sua recuperação e à defesa da sociedade.

Ajuriaguerra (1983) aponta ser impossível compreender o problema da delinquência sem levar em conta os fatores sociais, o ambiente familiar e a organização própria da personalidade do sujeito.

Referindo-se ao conceito de inadaptação, e em muitos casos o adolescente sente-se não adaptado às circunstâncias que o rodeiam, Vega (1991, citado por Trindade, 1996) reconhece que o tema é difícil, pois a inadaptação é vida e a vida é processo, movimento, mudança, algo impossível de colocar sobre um papel, pois neste momento deixa de ser vida para converter-se em algo morto.

Trindade (1996) aponta a delinquência na adolescência como um comportamento normal durante a fase, que está presente em cada um dos jovens, de modo a se poder falar de uma verdadeira fase de delinquência, uma delinquência benigna que desaparece com o desenvolvimento do indivíduo.

O arcabouço teórico para explicar a origem da delinqüência, levando em conta a idéia de fatores de risco, pode ser encontrado em Shoemaker (1996), no qual se enquadram as principais linhas teóricas de delinqüência e reúne três níveis de conceitualização.

O nível estrutural atribui a origem da delinqüência a fatores sociais, associados aos fatores situacionais e pessoais. Tenta explicar os delitos cometidos por grupos atribuindo o comportamento à ruptura dos controles sociais tradicionais e a incapacidade das organizações para resolver problemas.

O nível sócio psicológico se refere à quebra de vínculos sociais do jovem com a família, a escola, a igreja e demais instituições do controle social do adolescente, à auto-estima e influencia de grupos sobre o comportamento do infrator, maior destaque para a família, pois seria capaz de exercer maior controle sobre o jovem.

O nível individual trata das teorias que consideram mecanismos internos do indivíduo como os determinantes do comportamento infrator, tanto nos seus aspectos biológicos, quanto nos psicológicos. Aqueles que enfatizam as características da personalidade mostram que seus atributos são fundamentais para a compreensão da delinqüência. Alguns traços relacionados ao infrator são a impulsividade, a inabilidade nas inter relações, a ausência de culpa e a insensibilidade à dor alheia e as transgressões.

O paradigma sócio cultural atribui especial importância à definição dos significados que a sociedade confere a uma determinada conduta, de acordo com a maneira que se inscreve na cultura. A delinqüência é sentida como um comportamento desviante, que varia de cultura para cultura. Acentua as condições do sujeito e seu registro histórico em todos os fatores que tem importância para seu agir, numa perspectiva mais ampla, sensível e mais flexível, num espectro que vai desde o habitat, a família, a escola, o grupo de iguais, o

trabalho, até a recessão econômica mundial, pois a inadaptação é um conceito de vida, que não pode ser fechado por itens. A delinquência é fato, sujeito e contexto (Trindade, 1996).

Segundo Foucault (2001), “O criminoso é o inimigo social... Esta idéia do criminoso como inimigo interno, como indivíduo que no interior da sociedade rompeu com o pacto que havia teoricamente estabelecido, é uma definição nova e capital na história da teoria do crime e da penalidade”. A ruptura de um pacto ou uma perturbação social implica dizer que isto é uma infração se for cometido por um adolescente. Como a adolescência muda, a norma jurídica que define objetiva e cronologicamente esta fronteira, também muda. O infrator é aquele menino em desenvolvimento para a idade adulta, que rompe a convivência social harmônica. A diferença conceitual entre os termos “crime”, atribuída ao adulto que pratica ilícito penal e “infração” atribuída ao adolescente que pratica o mesmo ilícito, é que o termo infração confere a este adolescente uma condição especial, em que a educação teria um papel estratégico para sua readaptação social.

A adolescência é um período muito tumultuado, o jovem provoca, apronta, transgredir, se rebela o tempo todo, vive ilusões e desilusões a toda hora. Compete aos pais, educadores e psicólogos verificar se toda aquela revolução tem um sentido construtivo ou destrutivo. Revolta e transgressões são constantes, permitindo aos jovens crescer e tornarem-se eles mesmos. No entanto muitas vezes, as atitudes de rebeldia, discussões são expressas com agressividade. A delinquência juvenil é fundamentalmente “adolescente”, isto é, reúne toda a problemática típica deste período evolutivo, porém de uma forma patológica. (Pessanha, 2001).

A experiência na realidade brasileira demonstra a quase inexistência de estudos relacionados com delinquentes juvenis, embora a história de jovens infratores em instituições, isolados com o objetivo de educá-los e depois devolvê-los à sociedade

plenamente recuperados, surge no Brasil em fins do império, no ano de 1873 (Levisky, 2001).

Hutz (2002), afirma que o termo delinqüência é, por definição, um termo jurídico e não psicológico, uma vez que decorre da transgressão de normas codificadas, tanto que o que é considerado delinqüente em um momento e local pode estar em conformidade com a lei em outra época ou espaço geográfico.

O adolescente em conflito com a lei no Brasil é a pessoa, em fase de desenvolvimento que se encontra na faixa etária compreendida entre 12 e 18 anos de idade incompletos, que comete ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal. Esses crimes geralmente envolvem agressão e/ou violência. Loeber e Stouthamer-Loeber (1984, citados por Hutz, 2002) definem agressão como um ato que infringe dano físico e mental aos outros. Violência é definida como atos agressivos que causam danos sérios, tais como roubos, estupros, homicídios e roubos tendo conseqüência morte.

Quando é verificada e confirmada a prática de ato infracional, a autoridade legal competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas sócio educativas: 1- Sem a privação de liberdade: a - advertência, que consiste na admoestação verbal pela autoridade judiciária; b - obrigação de reparar o dano, indicada para atos infracionais com reflexos patrimoniais; c - prestação de serviços à comunidade, que consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente há seis meses, devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais; d - liberdade assistida consiste no acompanhamento, auxílio e orientação ao adolescente; 2- Medidas com privação de liberdade: a - inserção em regime de semiliberdade, que consiste na permanência do adolescente em estabelecimento sócio educativo, onde as atividades externas são realizadas independentemente de autorização judicial; b - internação em estabelecimento educacional, que consiste em medida privativa da liberdade que não comporta prazo determinado,

devendo a manutenção ser reavaliada, mediante decisão fundamentada a cada seis meses e o período máximo de internação não poderá exceder a três anos (Estatuto da criança e do adolescente, 1990).

Os adolescentes que cometem atos infracionais são algumas vezes classificados, de maneira precipitada e incorreta, como personalidades anti-sociais. Na verdade alguns deles preenchem os critérios diagnósticos. Por isso, mais uma vez ressalta-se a importância de uma avaliação psicológica correta, quando da elaboração do diagnóstico de um adolescente que comete ato infracional.

O que leva os adolescentes a se comportarem de maneiras transviadas, inadaptadas e aflitivas? O campo da psicologia do desenvolvimento focaliza a descrição e o estudo dos caminhos desenvolvimentistas de problemas e transtornos. Muitos pesquisadores procuram estabelecer vínculos entre os precursores de um transtorno e os resultados, como delinquência ou depressão (Santrock, 2003).

A maioria dos adolescentes, em um momento ou outro, extravasa para fazer coisas destrutivas ou inoportunas, para si mesmas ou para os outros. Se esses comportamentos ocorrem com frequência na infância ou na adolescência, ao longo de um período de seis meses e o adolescente é considerado refratário ou fora de controle, costuma-se diagnosticar-se como transtorno de conduta. Ao resultar em atos ilegais, a sociedade os rotula de delinquentes (Santrock, 2003).

De acordo com a Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 da Organização Mundial da Saúde – OMS (1993), o Transtorno de conduta é descrito como um padrão repetitivo e persistente de comportamento anti-social ou desafiador que, em seu extremo, conduz a importantes rompimentos com as expectativas que a sociedade apresenta para a idade de uma criança. Os sintomas característicos consistem em níveis excessivos de brigas ou intimidações, crueldade com animais e

pessoas, destruição de propriedade, piromania, roubo, mentiras, cabular aulas, fugir de casa, ataques de birras freqüentes, comportamento desafiador, desobediência grave e contínua.

De acordo com a CID-10, tais transtornos podem ser subdivididos em:

a) restrito ao contexto familiar, b) não socializado (pressupondo uma anormalidade significativa no relacionamento com os pares), c) socializado (presente em indivíduos bem integrados ao grupo de pares), d) desafiador de oposição, e) outros e não especificados.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM –IV -TR) da *American Psychiatric Association – A.P.A.* (2002) considera que o padrão repetitivo e persistente no qual são violados os direitos individuais dos outros ou normas ou regras sociais podem ser agrupados em quatro agrupamentos: conduta agressiva causadora ou com perigo de lesões corporais a outras pessoas ou a animais; conduta não-agressiva que causa perdas ou danos ao patrimônio; defraudação ou furto; e sérias violações de regras. As crianças ou adolescentes com este transtorno freqüentemente se comportam agressivamente e reagem agressivamente aos outros. Podem exibir comportamento de provocação, ameaça ou intimidação, iniciar lutas corporais freqüentes, fazer uso de arma que possa causar séria lesão corporal, demonstrar crueldade física para com pessoas ou animais, roubar em confronto com a vítima ou forçar alguém a manter atividade sexual consigo. A violência física pode assumir a forma de estupro, agressão ou homicídio.

O DSM IV TR classifica os Distúrbios de Conduta nas categorias leve, moderado e severo, conforme a gravidade e tipo de sintomas.

a) Leve: há poucos problemas de conduta além dos necessários para realizar o diagnóstico, e que causam pequenos danos aos outros, como mentira, cabular aulas e permanecer na rua à noite, sem permissão. b) Moderado: os problemas de conduta e suas conseqüências sobre os demais são mais sérios que no caso anterior, como furtos sem

confronto com a vítima e vandalismo. c) Severo: há muitos problemas com consideráveis prejuízos aos outros, como agressão sexual, crueldade física, uso de arma, roubo com confronto com a vítima, arrombamento e invasão.

Os Transtornos de Conduta podem se iniciar na infância ou na adolescência, após uma história normal nos primeiros anos escolares, segundo Webster - Stratton (1993) têm melhor prognóstico.

O DSM-IV-TR descreve os indivíduos com essa patologia como apresentando pouca empatia e preocupação com os sentimentos, desejos e bem-estar dos demais. Tendem a perceber mal as intenções alheias, interpretando-as como hostis e ameaçadoras e, assim, justificam as próprias reações agressivas. Podem não apresentar sentimentos de culpa e remorso, os quais aprendem a simular para evitar punições. A auto-estima é baixa e há reduzida tolerância à frustração; ocorrem ainda acessos de raiva, irritabilidade e imprudência, respondendo por nível alto de acidentes.

Uma diferença entre as duas classificações é que o DSM-IV-TR considera o Transtorno Desafiador de Oposição como uma categoria à parte do Distúrbio de conduta, a qual é caracterizada pela presença de atitude negativista, desobediente e hostil para com as autoridades. Seus comportamentos mais característicos consistem em perder a paciência, discutir, desafiar ativamente ou recusar-se obedecer a demandas e regras dos adultos, mostrar-se enraivecido, ser rancoroso e vingativo.

No que se refere à evolução, além da predisposição aos Transtornos de Personalidade anti-social, incluindo os associados ao uso de substâncias, a presença dos Distúrbios de Conduta, conforme o DSM-IV-TR, aumenta o risco para o desenvolvimento dos transtornos de humor e de ansiedade. Os comportamentos próprios ao Distúrbio de Conduta podem conduzir ainda à expulsão escolar, dificuldades de ajustamento

ocupacional, problemas com a lei, contágio e difusão de doenças sexualmente transmissíveis.

Winnicott (1956) assevera que a tendência anti-social não é um diagnóstico. Pode ser encontrada em indivíduos normais, neuróticos ou psicóticos.

As pesquisas desenvolvidas por Feldman (1977) mostram que a aquisição e internalização de valores morais e a socialização necessitam da mediação do afeto para serem instaladas nos indivíduos, ou seja, sem afetividade mediando as relações entre as pessoas o processo de aprendizagem fica seriamente comprometido. As pesquisas sugerem também que as experiências carcerárias aumentam a probabilidade de reincidência após a libertação e que isto ocorre devido aos efeitos nocivos da vida numa instituição.

Na teoria psicodinâmica (MacKinnon, 1981) a conduta é um produto de quatro fatores inter-relacionados:

1-Motivos básicos; 2-As estruturas mentais que controlam as motivações e regulam sua expressão; 3-Os valores, objetivos e atitudes que o indivíduo incorporou da família e da sociedade; 4-A realidade externa, inclusive outras pessoas importantes na vida do indivíduo.

Dentro dessa estrutura, as neuroses são vistas como padrões de controle e regulamentação mal adaptados, nos quais os motivos básicos do indivíduo são frustrados em virtude de atitudes e sentimentos enraizados no passado, inadequados para a realidade externa atual.

A sociopatia, ou psicopatia é vista de maneira ligeiramente diferente. A conduta é psicopática quando a gratificação de motivos básicos adquire importância dominante. As funções de controle e regulação do ego são deficientes e o indivíduo persegue a gratificação imediata, dando pouca importância aos outros aspectos do funcionamento o psíquico ou às demandas da realidade externa.

Embora o diagnóstico formal de psicopatia compreenda a conduta social manifesta, os problemas psicodinâmicos são também partes integrante da síndrome. Um psicopata não se adapta aos modelos sociais e participa de atividades ilegais ou imorais, mas a psicopatia não constitui simplesmente um termo técnico para a conduta anti-social. Há momentos e situações nas quais a conduta aparentemente anti-social pode ser normal como 'por exemplo' os adolescentes normais ensaiarão condutas aparentemente anti-sociais.

O indivíduo com preponderância de mecanismos psicopáticos irá apresentar provavelmente os seguintes defeitos:

1 - Os seus impulsos básicos e seu modo de manejá-los; 2 - Sua afetividade, incluindo a ansiedade, culpa e a capacidade para o prazer; 3 - Suas relações objetais; 4 - Os padrões conseqüentes de conduta manifesta.

Um estudo aprofundado da psicopatia evidencia uma estrutura patológica. O psicopata utiliza a ação como único meio de descarregar suas tensões, a partir de uma conduta que se repete diante de situações semelhantes, agindo de forma fria e impulsiva. Observa-se que a inteligência, nos casos de psicopatia, não consegue controlar e organizar a pulsão instintiva. Os aspectos doentes latentes são potencializados por carências ou distúrbios de ordem emocional, gerando uma conduta de destruir o objeto, porém sem identificação com o mesmo. Diante deste movimento, o comportamento de um psicopata é baseado em sedução, captação, manipulação, mas sem qualquer tipo de envolvimento (Adrados, 1982).

Chamorro (1990) considera o ato delitivo um sintoma, a expressão de um conflito, e o fundamental em todo o tratamento que se pretenda será buscar essa problemática, analisar e elaborá-la. Assim, encontraremos delinqüentes juvenis neuróticos, psicóticos, borderlines, perversos, com uma personalidade psicopática. Assim como encontramos não delinqüentes com essa mesma psicopatologia.

Weiner (1990) comenta que devemos levar em consideração duas características básicas distintivas nas personalidades psicopáticas:

1- Trata-se de uma desordem do caráter, em oposição às desordens neuróticas e psicóticas e, portanto, são crônicas, persistentes e ego-sintônicas; 2- envolvem defeitos específicos do caráter, caracterizadas pela incapacidade de amar e de sentir culpa.

Svrakic e McCallum (1991) abordaram a relação entre a personalidade anti-social e os transtornos somatoformes (no caso a histeria). Também vincula a personalidade anti-social com a passivo-agressiva com comportamentos de oposição como descuido deliberado e os atos anti-sociais podem emergir quando há redução das inibições pelo uso de álcool e outras drogas.

Bernsteind, Cohen, Skodol, Bezirgianian e Brook (1996), num estudo longitudinal com adolescentes, verificaram que problemas de conduta na infância emergem como um fator consistente e preditivo do diagnóstico de Transtorno de personalidade para os três clusters da personalidade.

Morana, Caíres e Martins (1997) investigaram quinze casos que apresentavam transtornos anti-sociais e concluíram que, em termos cognitivos, os sujeitos demonstraram baixa produção associativa aliado a uma falta de recursos intelectivos que geram falta de criatividade e espontaneidade no contato com o ambiente; percebem a realidade de forma superficial e a adaptação se faz pelo julgamento dos fatos e ainda apresentaram incapacidade de ação construtiva e criativa.

Juan (1998) agrupou estudos longitudinais, de adolescentes com transtorno de conduta. Entre os trabalhos agrupados, referiu ser o de maior importância, artigo publicado por Robins (Robins 1996 apud Juan, 1998). Neste trabalho, o autor estudou uma amostra de 500 adolescentes e os seguiu durante 30 anos, encontrando uma continuidade psicopatológica entre transtorno de conduta e transtorno anti-social da personalidade em

37% dos casos. Verificou também que todos os casos evoluíram com grande dificuldade de adaptação, baixo rendimento profissional e atitude de negligência para com os filhos.

Outro estudo, destacado pelo autor, foi o realizado por Offord (Offord 1992 apud Juan, 1998), em que se estudou uma população de crianças normais de 04 até 12 anos de idade e outro grupo de crianças de 08 até 16 anos de idade. Seguiu cada amostra por oito anos. Os resultados revelaram a persistência do diagnóstico de Transtorno de Conduta em 45% dos casos entre o início e o término das avaliações. Entre todos os estudos analisados, o autor concluiu que:

1- Existe uma continuidade entre transtorno de conduta na infância até a idade adulta em forma de transtorno anti-social de personalidade em proporções que oscilam entre 33 a 45% em populações masculinas. 2- As idades de maior risco para cometer condutas delituosas encontram-se localizadas entre os 16 e os 18 anos de idade e depois aos 24 anos, sempre em populações masculinas. 3- Existem fatores de risco, como a existência de co-morbidade entre o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade e oposicionismo desafiador e na adolescência tardia, com o consumo de álcool e drogas.

A literatura científica apresenta artigos que buscam correlacionar comportamento anti-social na idade adulta com sinais de agressividade e/ou hiperatividade na infância (Johnson et al., 1999).

Grünspun (2000) também relaciona as condutas delinquentes com tipos específicos de personalidade como a pré-histórica, neurótica e a psicopática. Contudo afirma que o QI não pode ser considerado como fator etiológico da delinqüência, uma vez que a maior parte dos delinquentes não apresenta rebaixamento intelectual. Inversamente, muitas crianças com comprometimento cognitivo não exibem comportamentos anti-sociais. Por sua vez defende que é a atitude do adulto que conduz a criança à delinqüência, conferindo

particular relevância à permissividade ou restrição exageradas, que são sentidas como rejeição pelo menino ou menina.

Grünspun (2000) refere-se à profilaxia e terapêutica da delinquência, afirma que elas devem dirigir-se aos pais. Contudo não abandona o pressuposto de uma pluricausalidade, o que o conduz a indicar também a psicoterapia da criança ou do adolescente, intervenções psicopedagógicas e mudança de ambiente.

Loeber, Green, Keenan e Lahey (1995, citados em Morana, 2003) referem ainda ser o transtorno de conduta um forte prognosticador de transtorno anti-social e que os melhores prognosticadores são: insensibilidade afetivo-emocional, indiferença ao outro, depressão e uso de *Cannabis Sativa* (maconha).

O Departamento de Saúde dos Estados Unidos da América publicou um relatório fazendo referência a que os fatores de risco para o comportamento anti-social são significativamente diferentes dos fatores de risco para comportamento violento, assim como roubo, assalto, estupro e homicídio. Em uma das comunicações deste relatório, baseada em pesquisa de comunidade, relatou que cerca de 36% de adolescentes com transtornos da personalidade contra 16% de adolescentes sem transtornos da personalidade cometeram atos violentos contra pessoas durante a adolescência. Enfatizou-se que os fatores de risco para comportamento violento não se limitavam a fatores isolados, como maus tratos infantis, tão comumente alardeados como fator preditivo de violência na idade adulta. (Youth Violence: A Report of the Surgeon General, 2003, citado por Morana, 2003).

Em estudo realizado com 7580 adolescentes na Espanha, 1004 na Palestina e 2483 em Portugal sobre conduta anti-social, onde Serrano, El –Astal e Faro (2003) evidenciam em seu trabalho que esses adolescentes realizam com frequência condutas anti-sociais leves. Dos adolescentes espanhóis 32,8% afirmaram que estiveram implicados em condutas

de agressão as vezes e 21,2% deles já roubaram em alguma ocasião. Os adolescentes portugueses apresentam perfil parecido, sendo que 14,3% afirmaram que já roubaram. Em contraste 6,6% dos Palestinos disseram que em algum momento já tiveram atos agressivos e 2,2% deles já praticaram roubo.

A OMS (Who Press Releases, 2003, citado em Morana, 2003) considera que a correlação entre, proporção de crianças que sofreram maus tratos na infância que vieram a se tornar adultos violentos ou delinqüentes, não foi encontrada na literatura pesquisada.

Justice, Justice e Kraft (1974, citados em Morana, 2003) referem que a identificação precoce de possíveis comprometimentos da personalidade pode fazer a diferença entre uma juventude sadia e uma vida de violenta criminalidade.

Abade, Coelho e Fazzani Neto (2002), analisaram as características da percepção, da representação mental, do julgamento e da atribuição de significados em um grupo de indivíduos extremamente violentos. Esses indivíduos apresentam em comum a liberação intensa e incontrolável do impulso afetivo/destrutivo. O grupo foi composto com quinze pessoas com distúrbio de caráter, homicidas, ambos os sexos, idade variando de 17 a 55 anos. O comportamento violento dos examinandos pode ser caracterizado como:

I – Liberação de agressividade ocorrida durante a vigília e facilmente evocável, e que não acarreta sentimentos de culpa ou de horror em seus autores; II – Atos brutais cometidos antes (spancamento ou torturas) ou após a morte de suas vítimas (ingestão das vísceras do cadáver, extirpação dos testículos ou esfacelamento do corpo, consumo de refeição colocada sobre o cadáver); III – Agressão contra indivíduos indefesos (velhos, mulheres e crianças) ou impossibilitados de reagirem (atacados durante o sono ou pelas costas). Dentre as vítimas, havia parentes próximos dos criminosos (mãe, pai, filha, sogros, esposa) e as demais eram suas amigas ou companheiros de trabalho. E, enfim todos os

crimes foram cometidos por motivos aparentemente fúteis e discrepantes, com a intensidade do ato destrutivo.

Os resultados revelaram que os indivíduos, diante dos estímulos complexos, revelam tendência a reagir segundo impressões imediatas, sem exame particular dos diferentes aspectos de modo a destacá-los para em seguida reagrupá-los em estrutura significativa. Percebem apenas os aspectos mais evidentes. A observação parcial leva os indivíduos a dele efetuar generalizações impulsivas e não submetidas a julgamento crítico. Evidencia-se alteração no processo de determinação de relações abstratas; reagem aos estímulos coloridos, não conseguindo integrá-los de modo formal em suas construções, tal aspecto associado à evidência de controle cognitivo insuficiente, sugere a ocorrência de expressão pueril e intensa dos afetos e de liberação de reações impulsivas, não controladas pelo julgamento refletido nem inibida por bloqueio emocional. As figuras humanas são descritas de modo genérico e vago – como “pessoas”, “gente”, “homem” - e percebida, sobretudo de modo incompleto. Prevaecem as categorias de conteúdo designadas como “vagas”.

O autor enfatiza que o distúrbio fundamental observado pode ser caracterizado como falta de controle da atividade voluntária, um baixo limiar na mobilização afetiva, alteração na seletividade da atenção e deficiência no julgamento crítico, tanto das circunstâncias ambientais como do resultado individual. Ressalta que os resultados coincidem com aqueles encontrados por Luria em pacientes com lesões frontais.

No entanto, observa-se nesse estudo um número pequeno de sujeitos na amostra (15), com uma amplitude muito grande na idade que variava de 17 a 55 anos e, além disso, foram considerados sujeitos tanto do sexo feminino como masculino. Os autores poderiam encontrar formas de tornar mais precisos os resultados, pois ao apresentar da forma como foi

feito, podem incorrer em erros onde os resultados podem não expressar o que de fato foi encontrado.

Segundo Lopes (2003) as diferentes formas de expressão das perturbações no comportamento evidenciam-se após início do período escolar, em manifestações como mentira, violência, agressão, ruptura das estruturas relacionais do indivíduo com o meio social e familiar. Na dinâmica da delinquência juvenil, está subjacente uma ansiedade, um sofrimento profundo, resultante de conflito afetivo, não só do sujeito consigo próprio como com o meio familiar e sócio envolvente.

Há várias tentativas de amenizar o comportamento anti-social, como a pesquisa de Gesch, Hammond, Hampson, Eves e Crowder (2002, citados em Morana, 2003) que realizaram um estudo duplo-cego com 231 prisioneiros adultos jovens e verificaram que o uso de suplemento nutricional, comparado com placebo, fez com que os prisioneiros cometessem menos atos delituosos, incluindo comportamento violento.

1. 3 - Avaliação Psicológica

A criação e o desenvolvimento de instrumentos de exame psicológico constituem processos relevantes na história da Psicologia, motivados por objetivos específicos de determinadas épocas e de certos contextos sócio-culturais, despertados por necessidades de planejamento e intervenção psicológica. Apesar da diversidade de instrumentos criada, para ser considerado um instrumento científico da Psicologia, o método precisa conter suficiente sustentação psicométrica (Anastasi, 2000).

A origem desta preocupação metodológica associa-se ao princípio de busca de informações precisas e representativas dos indivíduos, subsidiadoras de intervenções

pertinentes a necessidades particulares ou a programas coletivos. Ao se considerar para análise os dados relativos à validade e à fidedignidade das medidas ou instrumentos de exame da personalidade, encontramos índices muito diversos.

Fidedignidade ou confiabilidade em Anastasi (2000) refere-se à consistência dos escores obtidos pelas mesmas pessoas quando elas são reexaminadas com o mesmo teste em diferentes ocasiões, ou com diferentes conjuntos de itens equivalentes, ou sob outras condições variáveis de exame.

Validade de um teste em Anastasi (2000) refere-se àquilo que o teste mede e a quão bem ele faz isso. Ela nos diz o que podemos inferir dos escores de teste. A validade precisa ser estabelecida com referência ao uso específico para o qual o teste está sendo considerado.

Os procedimentos para validação podem ser de três tipos: a) validação e descrição do conteúdo, que envolve essencialmente o exame sistemático do conteúdo do teste para determinar se ele abrange uma amostra representativa do domínio de comportamento a ser medido; b) validação concorrente e preditiva do critério que indicam a efetividade de um teste para prever o desempenho de um indivíduo em atividades especificadas e; c) validação do construto, que é a extensão em que podemos dizer que o teste mede um construto teórico ou um traço. (Anastasi, 2000).

Alguns estudos com o Rorschach no Brasil apresentam indicadores de validade importantes. Duarte (2000), em seu trabalho sobre Características de personalidade de mães de crianças autistas, demonstra a validade da variável D como medida da capacidade de controle e tolerância ao estresse; Semer (1999) no Estudo de auto - estima de crianças enuréticas aponta para a validade do Índice de Egocentricidade na avaliação desses casos e Güntert (1996) revela a validade das variáveis CDI, Sum T, Hd e Ad, DQ+, e X+% na sua

pesquisa com Crianças com nódulo vocal. Nos três estudos a validade foi demonstrada a partir de resultados significantes na comparação de grupos contrastantes.

A avaliação psicológica é um processo técnico-científico de coleta de dados, estudos e interpretação de informações a respeito dos fenômenos psicológicos, que são resultantes da relação do indivíduo com a sociedade, utilizando-se, para tanto, de estratégias psicológicas - métodos, técnicas e instrumentos. Os resultados das avaliações devem considerar e analisar os condicionantes históricos e sociais e seus efeitos no psiquismo, com a finalidade de servir como base para atuar não somente sobre o indivíduo, mas na modificação desses condicionantes (Resolução CFP 02/2003).

Diversos instrumentos e técnicas de avaliação são utilizados com o objetivo de diagnóstico diferencial de psicopatias, condutas anti-sociais e afins. Entrevistas clínicas estruturadas, que permitem acesso amplo e profundo ao outro; ou a Escala PCL-R, (*Psychopathy Checklist – Revised*) mais conhecida como Escala Hare, (Morana, 2003) validada em vários países, sendo considerado um instrumento fidedigno para identificar criminosos psicopatas, dentre outros instrumentos e métodos.

Dentre as técnicas e métodos utilizados para avaliar a personalidade, as técnicas projetivas propiciam uma forma abrangente e menos direta de se obter informação sobre o indivíduo, compreendido na sua totalidade. Podemos entendê-las como sendo instrumentos, que pela sua natureza, propiciam a apreender o singular, que possibilita atender o indivíduo em seus aspectos únicos, e ao mesmo tempo processar as informações obtidas de modo a torná-las parte de um corpo teórico que pode ser generalizado (Güntert, 2001). Nesse conjunto de técnicas, o Método de Rorschach se destaca como um instrumento que gera informações úteis sobre o funcionamento da personalidade porque confronta os sujeitos com uma tarefa de solução de problemas que envolvem uma situação percepção e

associação, na qual atribuem características àquilo que vêem, revelando necessidades, atitudes e conflitos (Weiner, 2000).

Para intervir é necessário antes avaliar corretamente o que acontece, para fazer isso há a necessidade de instrumentos confiáveis, válidos e precisos. Foi escolhido o Método de Rorschach, considerando o Sistema Compreensivo (SC), para avaliar adolescentes infratores por ser um instrumento com essas características.

1.4 – O Rorschach

Há referências de que Leonardo da Vinci (1452-1519) considerava que as manchas estimulavam a criatividade e eram utilizadas para selecionar candidatos à carreira artística. Justino Kerner, em seu livro publicado em 1857 "Kleksografien" estuda a imaginação das pessoas pela percepção de manchas de tinta. No entanto Hermann Rorschach, médico suíço nascido em Zurique a 8 de novembro de 1884 e falecido aos 2 de abril de 1922, foi mais além, preocupando-se não tanto com o que a pessoa via, mas como via cada uma das figuras, relacionou tais observações às funções psíquicas.

Ao denominar sua técnica como "Psicodiagnóstico", explicitando como um "método e resultados de uma experiência diagnóstica de percepção", Rorschach mostrava-se interessado em classificar as características formais mais destacadas das respostas. Por volta de 1920 os resultados que reuniu já permitiam se verificar que o método possuía considerável utilidade diagnóstica, particularmente para identificar esquizofrênicos. No curso de suas investigações, Rorschach descobriu que certos tipos de respostas, sobretudo as de movimento e cor, pareciam estar relacionadas com características psicológicas ou de conduta. Ao escrever sua monografia sobre "interpretação de formas fortuitas" – que é o

subtítulo que dá aos resultados de seu trabalho sobre o Psicodiagnóstico, adverte claramente que suas descobertas são preliminares, enfatiza a necessidade de se realizar mais investigações.

Rorschach utilizou próximo de quarenta manchas em sua investigação e administrou quinze delas com maior frequência. O primeiro manuscrito, baseado nas quinze lâminas que utilizava com mais frequência foi rechaçado por várias editoras. Finalmente um editor aceitou com a condição de se limitar a seis, a fim de reduzir custos. Rorschach não aceitou a oferta e continuou com sua investigação, coletando cada vez mais sujeitos para a sua amostra. Em 1920 há nova tentativa de editar e houve nova proposta para redução do número de pranchas e Rorschach aceitou de forma que só apareceriam dez das pranchas que utilizava com maior frequência. Finalmente em junho de 1921 a obra foi publicada (Exner, 1994).

Após a morte do autor, o Método permaneceu restrito a um pequeno círculo de amigos e discípulos, na Suíça. Aos poucos a técnica cruzou fronteira e começou a ser utilizada em outros países europeus e posteriormente nos Estados Unidos. No período de 20 anos (1936-1957), se desenvolveram nos Estados Unidos cinco sistemas de Rorschach (Beck, Klopfer, Hertz, Piotrowsky, Rapaport/Shafer). Não eram díspares entre si, porém ao mesmo tempo suas diferenças não podiam ser minimizadas, em uma perspectiva mais realista, tinha que se considerar que não havia mais um, mas cinco testes de Rorschach, pelas suas especificidades.

No Brasil, e tomando como base estas diversas vertentes teóricas, vários estudiosos destacaram-se pela divulgação do método e elaboração de pesquisas teóricas e normativas sobre o Psicodiagnóstico (Nascimento, 1993).

O prejuízo na confiabilidade e validade da prova começaram a aparecer devido a disparidade de procedimentos, e com críticas à falta de um sistema único em termos de normas e padrões amostrais.

Atendendo à necessidade de unificar os sistemas, após estudos minuciosos, Exner criou o Sistema Compreensivo (SC). O SC foi desenvolvido na busca de uma abordagem fundamentada, precisa e padronizada de aplicação do método e da codificação das respostas. As bases psicométricas foram reconsideradas, procurando-se uma maior validade e confiabilidade tanto do instrumento como da maneira mais adequada de escolha das variáveis segundo o objetivo da pesquisa (Weiner, 2000).

Weiner (2000) aponta para o fato do instrumento ser em parte constituído por uma tarefa de resolução de problemas, o que está associado ao estilo de estruturação cognitiva do sujeito e, por ser “constituído por um estímulo à fantasia, que permite a exploração subjetiva de imagens temáticas”. Considera que o Rorschach tanto avalia a percepção, como é uma medida da associação, tendo a maioria das respostas, um produto conjunto de processos perceptivos e associativos. Revela aspectos do funcionamento da personalidade, pois o indivíduo utilizará mecanismos aos quais geralmente recorre em situações equivalentes em sua vida. Além apresenta uma proposta de associação, em que pode atribuir características àquilo que vê, indicando necessidades, conflitos, atitudes e preocupações que podem estar relacionadas.

Pretende-se utilizar algumas variáveis previamente selecionadas para se conseguir maior confiabilidade no estudo. Um dos problemas que se tem debatido com o Rorschach é que ao se trabalhar com número muito extenso de variáveis, aumenta a probabilidade de que alguns resultados positivos se decorram do acaso. Por essa razão um refinamento se faz necessário para a seleção das variáveis, definindo-se o que se pretende estudar (Weiner, 1995).

As variáveis selecionadas para o estudo referem-se principalmente ao agrupamento dos Traços afetivos, com os seguintes indicadores: respostas no espaço branco(S); quociente afetivo (Afr); e o grau de modulação das descargas e trocas emocionais (FC: CF+C); ao agrupamento das relações interpessoais, com o indicador AG; ao agrupamento Auto percepção, com o indicador GHR:PHR, que dará informação sobre o relacionamento interpessoal; aos agrupamento de Controle e tolerância ao estresse e Estresse situacional (D e AdjD).

Na seqüência discutiremos estudos publicados sobre adolescentes infratores utilizando-se do Método de Rorschach. Há vários estudos citados onde as pesquisas são realizadas em jovens e em alguns casos há estudos onde a amplitude da idade dos infratores pesquisados varia da adolescência a fase adulta e, ainda há estudos envolvendo criminosos pelo Método de Rorschach, ou seja, exclusivamente de estudos com indivíduos adultos. Outro aspecto a ser destacado é de que foram encontrados poucos estudos sobre infratores ou criminosos adultos utilizando-se para tanto do Método de Rorschach no Sistema Compreensivo.

1.5 - O Rorschach no estudo de criminosos e infratores

Bohm (1953, citado em Fazzani Neto, 1994), em seu manual sobre o Método de Rorschach, discorre sobre os achados com a técnica em psicopatas anti-sociais. Considera que se trata de um grupo muito heterogêneo que apresenta como característica comum intenso narcisismo e forte tendência à destruição. Refere que tendem a apresentar grande aumento de respostas DZw, e falta de respostas com determinante FFb. O tipo vivencial

seria extratensivo - egocêntrico, há quase sempre aversão à cor e ausência de respostas B. Os anti-sociais possuem também muitas respostas de conteúdos objetos.

Em síntese, traduzindo para a terminologia adotada no SC:

1- elevação de S, que seriam as respostas dadas no espaço em branco, cujos componentes observam estilos de oposição e negativismo; 2- $CF+C>FC$, que seria o grau de modulação das descargas e trocas emocionais; 3- Ausência de determinante M, onde M representa o movimento de ações humanas; 5- Elevação do conteúdo objeto, no Sistema Compreensivo não existe uma categoria específica para objetos, os mesmos podem estar incluídos em várias categorias de conteúdos como arte, antropologia, vestuário, utensílios domésticos ou ciência que diferenciam os objetos segundo a natureza dos mesmos.

Souza (1982, citado em Fazzani Neto, 1994) comenta que os trabalhos que buscam avaliar criminosos como método de Rorschach são bastante discordantes em seus resultados por este grupo ser muito heterogêneo. Em sua amostra, colhida na Penitenciária de São Paulo encontrou baixo nível intelectual, tendência ao tipo vivencial coartado, percentual de A na média e, em alguns casos indícios de ansiedade.

Flachier (1987, citado por Fazzani Neto, 1994), citando os trabalhos de Dubitscher e Portuondo com psicopatas anti-sociais relaciona os seguintes aspectos encontrados ao método de Rorschach:

1- presença de choque cromático, mais propriamente inibição ou rejeição. 2- $FC=1$ ou 2, $CF=0$ ou 1 e $C=1$, caracterizando deficiente controle das expressões afetivas. 3- $\%F+$ rebaixada, indicando baixo sentido de realidade. 4- Elevação de respostas com determinantes S, revelando agressividade e oposição; 5- Fracassos (rejeições) indicando conflitos afetivos por fatores neuróticos.

Em estudo realizado com sessenta e seis jovens infratores de quatorze a dezessete anos de idade, nove variáveis foram investigadas e duas das variáveis: reflexos e textura demonstraram diferença significativa estatística ($p < 0,05$). Duas variáveis, Vista e Espaço em branco foram produzidas em padrões consistentes. Outras variáveis, índice de egocentrismo, forma dimensão, conteúdo humano puro, movimento inanimado e sombreado difuso não apresentaram diferenças (Loving e Russel, 2000).

Heraut (1987, citado por Fazzani Neto, 1994), analisou protocolos de Rorschach de sujeitos institucionalizados, na infância, adolescência e na idade adulta. O autor procedeu a um estudo longitudinal, acompanhando o curso de vida de 808 crianças e adolescentes, o que permitiu reanalisar seus protocolos anos após, comparando aqueles que delinuíam e os que se integraram socialmente. Procedeu a uma análise fatorial a partir dos elementos significativos do Rorschach encontrados nos delinquentes e não delinquentes. Dá análise resultaram três fatores:

1 - fator violência relacionado aos seguintes índices: presença de cor pura, movimentos projetados em objetos, C' com formas pouco nítidas, respostas de arquitetura, respostas de fragmentação e, presença de CF, respostas de conteúdo sangue, respostas de eixo, fenômenos da natureza, pormenores secundários dados em contorno. São indícios de certa crueldade, violência e frieza. 2 - O fator de inibição: indicado por número elevado de determinantes, número elevado de respostas com conteúdos A, número muito elevado de determinante m e de respostas com conteúdo geográfico. 3 - O fator de socialização banal: ligado à presença de respostas M, há presença do conteúdo H, e número elevado de respostas populares.

Estabelecido os três fatores, o autor cruzou com os fatores “tornar-se delinquentes”, “tipos de delinquência” e “adaptação social”. No comportamento encontrado de

delinqüência entre jovens estavam presentes os fatores: inibição, socialização banal e violência.

Timsit e Bastin (1987, citados em Fazzani Neto, 1994) analisam protocolos de Rorschach de 26 criminosos assassinos, concluem que quanto à análise formal, não há sinais clássicos de agressividade. Referiu a presença de C+CF<FC e ausência de respostas de luminosidade. Concluíram de que há muito poucos sinais de agressividade direta e, quanto maior a quantidade de conteúdos agressivos num protocolo, menor seria o risco de perigo de atuação.

Pais (1989, citado em Morana, 2003), realizou trabalho de comparação de indivíduos inimputáveis homicidas e não homicidas, os resultados encontrados nos homicidas foram:

1 - presença de inibição, rejeição, referência pessoal, referência ao vazio e perseveração de conteúdos; 2 - respostas C' com formas vagas; 3 - %A elevada nas pranchas monocromáticas; 4 - %F+ rebaixada nas pranchas coloridas; 5 - poucas respostas de cor, projeção de cor, referência ao vermelho e nomeação de cor; 6 - baixo número de respostas.

Anastasiades, 1989 e Timsit, 1987, (citados por Fazzani Neto, 1994), analisaram sessenta e sete protocolos de criminosos com idade entre 19 e 58 anos, nas prisões de Istambul, encontrando os seguintes resultados:

1- pequeno número de respostas (R); 2- porcentagem de respostas globais pouco elevados; 3- porcentagem do tipo vivencial coartado; 4- presença de respostas com conteúdo sexual e respostas do tipo Clob.

Reverendo-se esse estudo anterior percebe-se a amplitude exagerada no aspecto idade dos criminosos, não há indicação de qual crime foi praticado, como também não há a indicação se foram criminosos de ambos os sexos ou de cada um especificamente.

Gacono e Meloy, (1991), investigaram numa amostra de sessenta infratores com personalidade anti-social e os resultados mostram que as respostas de textura e sombreado difuso tiveram grande significância. No entanto as respostas de vista não foram significantes.

Parisi, Pés, Faraglia, Lanotte e Spaccia (1992, citados por Fazzani Neto, 1994) da Scuola Romana Rorschach em sua sistematização, encontraram os seguintes índices no distúrbio anti-social de personalidade:

1- %R médio-baixo; 2- %F+ médio-baixo; 3- exagero de respostas globais; 4- respostas de espaço em branco presente; 5- presença de tipo vivencial coartado tendendo a extratensivo; 6- poucas respostas de movimento, tendência a serem de tipo ativo, dinâmicas (cenas de luta ou de violência ou de abuso), além de diversas respostas tipo m; 7- $FC < CF + C$; 8- %H médio-baixo; 9- presença de conteúdo H com identificação de personagens potentes, importantes ou agressivos; 10- número de conteúdos médio, havendo aqueles de cunho sexual, e objetos agressivos como arma; 11- $M + FC < CF + C$, índice de impulsividade alto e índice de afetividade baixo.

Abade, Coelho e Fazzani Neto (1993), desenvolveram estudo, usando Rorschach, em indivíduos adultos que haviam cometido homicídio com condutas violentas e cruéis. Observaram, dentre outros aspectos, que os sujeitos apresentaram dificuldades diante dos estímulos do Rorschach, tais como reações imediatas e sem organização. Além de apresentarem afetividade infantil e com dificuldade de controle, principalmente através do julgamento.

O funcionamento do psicopata pode ser mais bem compreendido dentro uma perspectiva integrada, onde se pode considerar três níveis diferentes, que regulam a vida interna dos indivíduos conforme Gacono e Meloy (1994, citados em Castro, 1998):

1- O nível biológico, que compreende as reações fisiológicas e psico – biológicas do funcionamento comportamental do psicopata. 2- O nível inconsciente relaciona-se com os mecanismos internos de funcionamento da psique e envolve defesas primitivas que ajudam a criar e manter relações objetais narcísicas, comuns em estados graves de psicopatias, essas defesas primitivas têm sua origem nas etapas iniciais do desenvolvimento do ego. 3- O nível consciente se refere ao funcionamento cognitivo – comportamental, regulando suas ações através das atitudes e do contato com outros indivíduos.

Os resultados que encontrou nos protocolos de Rorschach de 130 criminosos, separando aqueles que apresentavam características psicopáticas foram os seguintes:

1- Aspectos centrais: ausência de respostas de textura, ausência de respostas de movimento cooperativo, rebaixamento da porcentagem de conteúdos humanos e elevação das respostas de espaço; 2- Aspectos secundários: rebaixamento da porcentagem de F+ e F, excesso de movimentos passivos, ausência de respostas de tridimensionalidade, cor dominando sobre forma e poucos indícios de ansiedade.

Vaz (1997) considera alguns sinais nos protocolos avaliados que especificam um transtorno anti-social como: a presença de cor forçada e cor arbitrária, como expressão da labilidade afetiva, do relacionamento superficial e formal; a presença de textura com predomínio de c+cF sobre Fc, que significa a busca, necessidade de contato, com risco de acting out, por não ter controle; um terceiro sinal é o “linguajar empolado, com fraseado rico e em determinados momentos retórico”, ordenado e controlado, tanto na fase de aplicação como no inquirido, ou seja, a verbalização do indivíduo com esse transtorno é escorregadia, vaga e envolvente. Raramente surgem respostas com sombreado e cor

acromática, pois não consegue controlar intelectualmente a ansiedade; a incidência de cor acromática também não é comum.

Sá (1997, em Castro, 1998) realizou o estudo de um indivíduo que cometeu estupro e atentado violento ao pudor, seguidos de homicídio por estrangulamento, contra uma menor de seis anos de idade. Avaliado pelo Rorschach teve como resultados: * fragilidade do ego e da atividade voluntária, gerando distúrbios de caráter, pela presença de F+ em respostas óbvias, baixos escores de forma definida e total falta de movimentos humanos e de respostas de conteúdo humano; * embotamento afetivo, indicado por choque às pranchas II, VIII, IX e X e a presença de C em uma única resposta; * bloqueio sexual, dado pelos choques às pranchas II e VI; * dificuldade de aproximação com a figura paterna, com a figura de autoridade, pelas interpretações diante da prancha IV; * instintos e impulsos em estágio regredido, diante das respostas de movimento FM maior que M e somatória de m.

Castro e Rocha Jr (1998) estudaram a organização intelectual de detentos que cometeram o delito de assalto pelo método de Rorschach. Foram sujeitos 10 detentos entre 21 e 42 anos de idade, escolaridade primária e dez indivíduos não detentos. Os resultados demonstraram que os detentos apresentaram comportamentos de fuga, vinculados à imaturidade e à vivência de fantasias, além de uma dificuldade em perceber a realidade objetiva e preocupação com minúcias que levam os sujeitos a um evitamento em encarar a realidade em detrimento do real. Dificuldade de análise, prejuízo no senso de observação. Apresentaram controle racional demasiado com prejuízo da espontaneidade, tendendo a rigidez e controle severo. Indicando dificuldade de analisar de forma lógica e coerente a realidade, podendo apresentar certa dificuldade no contato adequado com o ambiente e com os indivíduos. Demonstraram dificuldade em elaboração de forma mais consistente e organizada, aliado a pouca inteligência integradora e pensamento estereotipado.

Em um evento que ocorreu em 1995, na cidade de Havana (Cuba), sobre sociedade Saúde e Violência, ao abordar-se o fenômeno do homicídio, se enumeraram uma série de fatores para explicar a conduta agressiva, fatores sociais (Shelley, 1990), psicológicos (Jímenez de Asnía, 1947), biológicos (Volacka et al., 1992) e vitimais (Fattah, 1967) e (Amieiro Rodríguez, 1988), a conclusão foi de que a conduta agressiva não pode ser consequência destes fatores em separado (Garcia, 1999).

Garcia (1999) ressalta que na experiência prática, ao realizar uma avaliação psicológica em homicida a prova de Rorschach tem características peculiares sendo mais eficaz, pois o sujeito ao desconhecer a transcendência das respostas, não pode preparar-se para enganar, a tarefa é tão aberta que não permite preparar as respostas.

Em estudo realizado com homicidas constatou-se que tem uma inteligência normal, com adequados recursos psicológicos e intelectuais para levar a cabo tarefas de complexidade média, com capacidade suficiente para perceber o óbvio, sintonizado com a realidade e ainda que rígidos em suas associações mentais, os mesmos apresentam plenas possibilidades de conservar em sua memória, informações e ações complexas. Os interesses estão direcionados ao prazer individual e ao imediato. Praticamente estão ausentes os interesses sociais e culturais. Seu mundo afetivo é instável e imaturo, a capacidade empática é muito débil, não há padrões quanto às relações sociais. Em geral são pessoas dominantes, são impulsivos, e agressivos (Garcia, 1999).

Gonçalves (2004) em estudo realizado com oito adolescentes autores de atos infracionais, do sexo masculino, com idade entre 13 e 18 anos, cumprindo medidas sócio educativas de internação, internação provisória e semiliberdade, revelou pelo Método de Rorschach os seguintes indicadores: o número de respostas mostrou uma produtividade mental reduzida; o tipo aperceptivo configurou-se voltado para uma apreensão global dos fatos; nos determinantes houve domínio do sistema intelectual-volitivo (F%), reduzida

capacidade reflexiva (F+%) com predomínio do mundo interno e da capacidade criadora; os conteúdos revelaram pouca diversidade de interesses (A%), sensibilidade e interesse frente ao humano (H%), mas com dificuldade no contato interpessoal, agressividade, dissimulação, indecisão, medo de envolvimento, frieza emocional, bloqueios. Quanto às aspirações mostra que estão além do potencial de realização, os tipos vivenciais predominantes foram o coartativo e o introversivo. As relações M: FM+m, FC: CF+C, Fc: Cf+c e (H+A): (Hd+Ad) revelaram ausência total dos elementos da fórmula indicando bloqueio afetivo emocional. Carência de mecanismos de adaptação social e pseudo - adaptação. A presença de pensamento lógico, mas que ocorre intermediado por atitudes extremamente rígidas.

No estudo citado percebe-se que a amostra foi relativamente pequena, onde oito adolescentes foram testados, cumprindo várias medidas sócio educativas e também não foi indicado o delito que os adolescentes cometeram, dando a impressão de que todos os adolescentes cometem todos os tipos de delitos. Entende-se que seria também importante se ter um grupo paralelo de não infratores, até para se ter uma pequena comparação dos resultados.

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo buscar indicadores da validade de critério no Método de Rorschach no Sistema Compreensivo para avaliação de adolescentes que cometem delitos contra a pessoa resultando em morte da vítima (homicídio ou roubo resultando em morte) e para adolescentes que cometeram delitos contra o patrimônio (furto).

MÉTODO

Participantes

Os participantes são adolescentes do sexo masculino, com faixa etária entre 12 a 17 anos, divididos em três grupos. O primeiro composto por 40 adolescentes internados com delitos contra a pessoa, que resultaram em morte da vítima. O segundo grupo incluiu 40 adolescentes com delitos contra o patrimônio, especificamente furto, onde não há violência contra a pessoa. Em ambos os grupos tratam-se de jovens sentenciados que cumprem medida sócio educativa de internação, isto é, estão privados da liberdade. O terceiro grupo composto por 40 adolescentes, estudantes conforme os seguintes critérios de inclusão na amostra: adolescente que não apresenta histórico infracional ou histórico de intervenção disciplinar grave, como agressão ou expulsão da escola; de faixa sócio-econômica próxima que os componentes do primeiro e segundo grupos.

Todos os integrantes do primeiro grupo fizeram parte de um banco de dados coletados entre fevereiro de 2003 e junho de 2004, seguindo o Método de Rorschach no Sistema Compreensivo. O segundo grupo é composto parcialmente por indivíduos do mesmo banco de dados e os restantes foram convidados a participar voluntariamente do estudo. Os adolescentes do terceiro grupo foram convidados a participar do estudo em escola da rede pública de uma cidade no estado do Paraná.

Tabela 1 – Média e desvio padrão relativo à escolaridade e idade dos adolescentes.

Situação		N	M	DP
Homicídio	Escolaridade	40	5,20	1,97
	Idade	40	16,43	0,93
Furto	Escolaridade	40	4,70	1,75

	Idade	40	16,65	0,66
Não infratores	Escolaridade	40	7,20	1,89
	Idade	40	16,05	0,87

É possível observar que as médias relativas aos três grupos são muito próximas para o aspecto da idade e um pouco distantes do aspecto da escolaridade. O grupo de adolescentes não infratores tem média de escolaridade mais elevada, na 7ª série. O grupo de adolescentes que praticaram furto possui a média mais rebaixada, que se encontra no fim do primeiro ciclo do ensino fundamental, na 4ª série.

Tabela 2 – Distribuição de frequência e porcentagem da escolaridade dos três grupos.

Situação	Escolaridade	Frequência	P
Homicídio	Analfabeto	0	0
	1ª série até a 4ª série	16	40,0
	5ª série até a 8ª série	22	55,0
	1º do ensino médio	2	5,0
	2º do ensino médio	0	0
	Total	40	100,0
Furto	Analfabeto	1	2,5
	1ª série até a 4ª série	23	57,5
	5ª série até a 8ª série	14	35,0
	1º do ensino médio	2	5,0
	2º do ensino médio	0	0
	Total	40	100,0

Não infratores	Analfabeto	0	0
	1ª série até a 4ª série	1	2,5
	5ª série até a 8ª série	29	72,5
	1º do ensino médio	4	10,0
	2º do ensino médio	6	15,0
Total		40	100,0

O Método de Rorschach

O Método de Rorschach é composto por 10 pranchas ou lâminas em cartões brancos com 18x25 cm, contendo manchas de tinta. São subdivididas quanto às cores em acromáticas (I, IV, V, VI, VII); cromáticas (II, III, VIII, IX e X). As lâminas II e III apresentam manchas em preto e vermelho e as de número VIII, IX e X são pluricromáticas.

O Método consiste em interpretar formas fortuitas, isto é, figuras formadas ao acaso e foi revelando, através de dados empíricos, que seus resultados poderiam ser utilizados para precisar os diagnósticos indicando, a qualidade dos sintomas. O Método possibilita uma avaliação da percepção e das idéias do sujeito por meio da interpretação das imagens que são evocadas no contato com as figuras. As percepções frente ao estímulo da figura evocam lembranças que se transformam em associações.

As pranchas são apresentadas às pessoas uma a uma onde é questionado o que elas parecem ser. Na fase de associação, o examinador anota as respostas dadas e, na fase de

inquérito são investigadas as localizações, características determinantes como a forma, movimento, cor e o conteúdo das respostas.

Cada resposta é codificada conforme o Sistema Compreensivo, observando-se a localização(área que se encontra), a qualidade evolutiva (que indica a qualidade do processo cognitivo na seleção da área), o determinante (quais aspectos da figura que determinaram a resposta), a qualidade formal (representa a qualidade de ajuste ou adequação da resposta em relação aos contornos da área em que está localizada), a presença de respostas de Par (respostas em que dois objetos idênticos e simétricos são observados), o conteúdo(conforme a categoria da resposta), se a resposta é popular, a atividade organizativa (que atribui pontuações aos diversos níveis de organização) e os códigos especiais (Exner, 1994).

O Sistema Compreensivo do Rorschach, desenvolvido por Exner está fundamentado em três pilares: aplicação padronizada, codificação objetiva e precisa, e uma base de dados normativos representativa (Weiner, 2000). No Brasil já se têm normas para a população adulta, mas ainda não se encontram disponíveis normas para adolescente. Exner introduziu um avanço significativo na estratégia de interpretação, agrupando as variáveis em módulos e formulando uma estratégia de exploração em seqüência que indica a ordem em que esses módulos de variáveis devem ser analisados. Os módulos são: Processamento da informação – relativo a como as pessoas dirigem sua atenção ao mundo; de mediação cognitiva – que envolve o modo como as pessoas percebem os objetos de sua atenção; de ideação – consiste no modo como as pessoas pensam sobre o que percebem; de controle e tolerância ao estresse – associado aos recursos adaptativos de que as pessoas dispõem para lidar com as demandas e gerenciamento do estresse; de recursos afetivos – compreende o modo como as pessoas lidam com as situações emocionais e como vivenciam e expressam os afetos, de

autopercepção – como as pessoas percebem a si mesmas; de percepção interpessoal – como as pessoas percebem os outros e se relacionam com eles (Weiner, 2000).

As variáveis selecionadas para o estudo referem-se principalmente ao agrupamento dos Traços afetivos, com os seguintes indicadores: respostas no espaço branco, cujos componentes observam os estilos de oposição e negativismo (S); quociente afetivo (Afr), que informa sobre a responsividade do indivíduo aos estímulos emocionais, em que medida processa mais ativamente quando enfrenta situações afetivamente intensas; e o grau de modulação das descargas e trocas emocionais(FC: CF+C); ao agrupamento das relações interpessoais, com o indicador AG, respostas que contêm movimento agressivo; ao agrupamento Auto percepção , com o indicador GHP:PHR, que dará informação sobre o relacionamento interpessoal, para indicar as boas e as pobres relações interpessoais); aos agrupamento de Controle e tolerância ao estresse e Estresse situacional (D e AdjD) - medindo controle e a direção das condutas em condições habituais.

Respostas em espaço branco (S)

Quando as respostas são dadas nas partes em branco, ocas, vazias das pranchas, está processando áreas sem mancha, respondendo a zonas distintas das que foram pedidas, fazendo o oposto ao que foi solicitado(inversão figura - fundo). Isto pode ser um sinal de independência e autonomia, mas um excesso de respostas desse tipo pode significar problemas de ajustamento, nos quais as possibilidades de relacionamentos interpessoais agradáveis são minadas pela antecipação de interações de antagonismo e de oposição quando as pessoas estão juntas e por comportamentos agressivos, beligerantes ou de caráter dominador.

Quociente afetivo (Afr)

Índice derivado da proporção de respostas às três últimas pranchas. Indica a maneira e a tranqüilidade com que a pessoa envolve-se em situações de tom emocional e troca sentimentos com os outros. Implica assim, como a pessoa lida com os sentimentos que surgem em si mesmas e reagem aos sentimentos de outros e as situações que envolvem uma carga emocional. A capacidade de modular o afeto de maneira eficiente, prazerosa e com moderação são requisitos de boa adaptação psicológica. Afr é uma das variáveis mais estáveis do Rorschach, de modo que mostra um estilo do indivíduo, dificilmente modificável. Representa a inclinação a investir energia no processamento desses estímulos. Adultos não pacientes apresentam média de 0,69. Um $Afr < 0,50$, ocorre em apenas 7% dos adultos, e indica aversão a situações que envolvam expressões de sentimentos. Em jovens, um $Afr < 0,50$ ocorre com maior frequência do que em adultos. Um $Afr < 0,50$ está presente em 15 a 38% dos protocolos de jovens de 12 a 16 anos de idade (Weiner, 2000).

Grau de modulação das descargas e trocas emocionais - FC: CF + C

A cor cromática representa o conjunto de afetos cujo ativar ou parar dependem de uma decisão da pessoa, independente de que, uma vez iniciada a ação, seu controle possa ser mantido até o fim. A incidência da forma que acompanha as respostas mostra a grau de controle envolvido no manejo e modulação do afeto. As respostas FC estão associadas a um processamento da emoção relativamente bem modulado e reservado, isto é, que foi controlado e dirigido por elementos cognitivos, nos quais os afetos surgem e se dissipam lentamente sendo sentidos de maneira profunda, embora com intensidade entre leve e moderada. As respostas CF evidenciam condutas que predominam os aspectos emocionais sobre os controles, são formas de descarga afetiva menos controladas, em que a pessoa se deixa levar mais pela emoção. As respostas C têm a ver com as descargas afetivas bruscas e

não moduladas, onde não há nenhum tipo de controle, e nelas a forma não existe no conceito. Na metade da adolescência FC em média excede CF + C, permanecendo até durante a idade adulta. Os dados da amostra adulta mostram freqüências medianas de 5: 3: 0 que correspondem a FC: CF + C em pessoas extratensivas e de 3: 2: 0 em introversivos (Weiner, 2000).

Respostas AG

Respostas que contêm movimento agressivo e indicam que quanto maior o número de AG maior a probabilidade de condutas agressivas, tanto verbais quanto não verbais. São freqüentes as atitudes negativas em relação ao meio. Os criminosos anti-sociais condenados por crimes violentos costumam apresentar numerosas respostas AG em seus protocolos (Exner, 1994); (Weiner, 2000).

As respostas AG mostram uma freqüência média de 1,0 em indivíduos de 5 a 16 anos.

Índice GHR : PHR

Esse índice mostra a relação entre as respostas de conteúdo humano com boa qualidade ou com qualidade ruim. Os conteúdos humanos refletem a visão do ser humano em sua dupla vertente: pessoal e interpessoal. A freqüência dos conteúdos humanos assinala o interesse do indivíduo pelas pessoas em geral. A capacidade de identificar-se e a probabilidade de tê-lo feito com pessoas reais pode ser detectada no Rorschach, por uma proporção entre o número de figuras humanas inteiras e reais e o número de figuras humanas parciais ou imaginárias presentes em protocolos. Os indivíduos com um número de respostas H que se iguale ou exceda o número de Hd+(H)+(Hd) demonstram ter capacidade de identificação adequada com pessoas que fazem parte de suas vidas.

O modo como as pessoas se relacionam é determinado pelas atitudes que têm em relação ao grau de interação e a maneira como abordam e tratam os vínculos interpessoais. Os relacionamentos interpessoais caracterizam-se pela capacidade de: a - manter nível de interesse, envolvimento nas relações; b - antecipar intimidade e segurança nas interações; c - equilibrar a colaboração e a competitividade e a assertividade; d - perceber o outro e as situações sociais de modo preciso e empático. Os adultos e jovens a partir de nove anos fornecem em média cinco a seis conteúdos humanos. De modo geral quando a soma de H é maior que três identifica interesse interpessoal na média ou acima, constituindo recurso da personalidade, enquanto que uma soma de H menor que quatro indica pouco interesse pelos outros (Weiner, 2000).

Ressalta-se a importância também de verificar as respostas de movimento humano M, e a qualidade formal FQ das mesmas, pois em um protocolo onde aparece mais de uma resposta de movimento negativo M-, há a probabilidade de que existam dificuldades no pensamento do indivíduo, e mais de duas pode ser que a pessoa sofra desorientação ou possua traços psicóticos (Exner, Sendín, 1999).

Controle e tolerância ao estresse e Estresse situacional (D e AdjD)

Por ser derivada da consideração conjunta de vários determinantes codificados no SC a nota D é um valor de ampla fundamentação, interligação e relevância interpretativa do Rorschach. Um dos seus componentes, EA, constitui índice de recursos disponíveis para a formulação e a implementação de estratégias deliberadas para lidar com as demandas experienciadas. O outro componente a variável es – Estimulação Sentida controla, o nível das demandas emocionais e ideacionais imposto sobre as pessoas pelos eventos internos e externos de suas vidas. Uma pessoa com nota D=0, geralmente não apresenta ansiedade, tensão, nervosismo ou irritabilidade manifestas, possuem capacidades no mínimo média

para tolerar frustrações e persistir frente a obstáculos. A variável D fornece informação sobre a capacidade presente ou atual de controle. A nota D Ajustada ou AdjD é um indicador da capacidade da pessoa para manter o controle e a direção das condutas em condições habituais, isto é, eliminando-se os fatores de sobrecarga situacional.

Para que a análise das variáveis selecionadas possa ser desenvolvida com maior confiabilidade, um dos procedimentos sugeridos consiste em assegurar que os valores obtidos tenham sido determinados de maneira confiável. É correto desenvolver uma análise do grau de acordo de codificações entre profissionais habilitados na codificação do Sistema Compreensivo. De 25% a 35% dos protocolos devem ser sorteados ao acaso para serem recodificados por outro profissional (Exner, 1995).

Procedimento

Em um primeiro momento o projeto foi apreciado pelo Comitê de Ética da Universidade São Francisco. Após aceitação do Comitê houveram os contatos necessários para se prosseguir na realização do projeto, tanto na instituição do estado onde os adolescentes cumprem medida sócio-educativa quanto com uma escola para se proceder a coleta de dados.

Para a instituição que acolhe os infratores, sob tutela do Estado, foi solicitado o consentimento mediante carta, onde consta informado o motivo da pesquisa. Os adolescentes que cumprem medida sócio educativa foram convidados a participar da pesquisa, voluntariamente. (Anexo 2).

Na escola onde foi feita a coleta de dados dos adolescentes não infratores foi solicitado uma autorização para a realização da pesquisa, mediante carta (Anexo 4). Os pais

dos estudantes selecionados com base nos critérios de inclusão foram informados e solicitou-se o preenchimento de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os adolescentes, cujos pais assinaram o Termo, foram convidados a participar da pesquisa e esclarecidos sobre a mesma. Os pais foram informados que a identidade dos filhos seria mantida em sigilo e os dados seriam analisados coletivamente para uso em pesquisa e posterior divulgação dos resultados em publicação científica. Foram selecionados alunos de várias séries e salas e, a orientadora pedagógica pode auxiliar no encaminhamento dos alunos, que foram submetidos a avaliação pelo Método de Rorschach.

Conforme proposto por Weiner (2000), no momento da aplicação, cada participante será preparado para o processo de avaliação, sendo-lhe explicado sumariamente o que é o Rorschach. A aplicação é individual e divide-se em duas partes. Na primeira fase cada prancha é apresentada, uma a uma. Após a administração das 10 pranchas inicia-se a fase de inquérito, onde as pranchas também são apresentadas individualmente, tendo como objetivo garantir que as codificações das respostas sejam tão corretas quanto possível.

Após a aplicação do Método, há a codificação e os dados são levados para o sumário estrutural. Com o sumário estrutural preenchido inicia-se a análise tanto quantitativa como qualitativa dos dados.

Análise de dados

Os dados foram analisados considerando-se os critérios tipo de infrator e não infrator comparando-se o desempenho dos sujeitos de cada grupo nas variáveis selecionadas. Essa análise foi feita baseada nas variáveis do Sumário Estrutural do

Rorschach, e os dados foram exportados para arquivo de banco de dados que foi lido no software SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*, de análise estatística.

Todos os protocolos foram aplicados e codificados pelo pesquisador. Do total foram sorteados 30% e codificados por três juízes independentes, para estudo de precisão. Para tanto foi utilizado o coeficiente Kappa. No caso os juízes desconheciam a que grupo pertencia o protocolo, se infrator por homicídio, se infrator por furto ou não infrator.

Foi realizada a estatística descritiva das variáveis, idade e escolaridade nos três grupos, e então comparados entre si.

Na análise das variáveis selecionadas foi utilizado o teste Qui - Quadrado (X^2). Esse teste nos permite descobrir se um conjunto de frequências observadas difere de um outro conjunto de frequências.

Também foi realizada análise comparando-se duas e três das variáveis selecionadas, agrupadas. Essa análise, ao combinar duas e/ou três variáveis agrupadas demonstra a importância de se analisar dados que se inter relacionam.

RESULTADOS

Estudo de Precisão entre avaliadores

Para calcular a precisão entre avaliadores as codificações foram realizadas pelo autor do trabalho e por três avaliadores independentes. A precisão foi realizada por meio da codificação de trinta protocolos sorteados aleatoriamente. Cada avaliador independente codificou dez protocolos.

As codificações foram analisadas pelo índice de concordância Kappa, que apresenta os seguintes índices de confiabilidade: a - pobre, para valores menores de 0,20; b - suficiente, para valores entre 0,21 e 0,40; c - moderada, para valores entre 0,41 e 0,60; d - boa, para valores entre 0,61 e 0,80; e - muito boa, para valores entre 0,81 e 1,00. O índice Kappa pode ser utilizado em variáveis categóricas, aquelas que assumem valores de 0 ou 1. Os resultados da precisão entre avaliadores podem ser visualizados na Tabela 12 (Anexo).

A precisão entre avaliadores nas variáveis escolhidas neste estudo pode ser considerada de moderada para muito boa. O indicador S, Resposta de Espaço, apresentou confiabilidade boa (Kappa=0,75). Os indicadores referentes ao grau de modulação das descargas e trocas emocionais apresentaram confiabilidade boa, sendo para FC (Kappa=0,79), para CF (Kappa=0,79) e para C (Kappa=0,68). O indicador AG teve também confiabilidade boa (Kappa=0,78). Os indicadores que combinados permitem interpretar variáveis no estudo como FQo, FQ-, FM, m, C'F, FY, (H), (Hd), obtiveram índices Kappa variando de 0,71 até 0,80 (confiabilidade boa). Os indicadores FQ+, M, FC', C', FT, TF, T, FV, VF, V, YF, Y, H, Hd, obtiveram índices Kappa variando de 0,81 até 1,00 (confiabilidade muito boa). A variável FQu apresentou índice Kappa de 0,57 (confiabilidade moderada).

Descrição da amostra

A amostra composta por 120 adolescentes, todos do sexo masculino, encontra-se dividida em três grupos, sendo que um dos grupos é composto por quarenta adolescentes que cumprem medida sócio educativa de internação por prática de ato infracional tipificado como homicídio; outro grupo é composto por quarenta adolescentes que cumprem medida sócio educativa de internação por prática de ato infracional tipificado como furto e, o outro grupo é composto por quarenta adolescentes de escola regular e que não apresentam histórico infracional.

O número de respostas apresentadas, considerando-se a amostra como um todo, de 120 adolescentes, revelou uma média de 22,16 respostas com um desvio padrão de 6,67. Ao destacarmos os grupos, os adolescentes com ato infracional de homicídio apresentam média de 24,48 respostas e desvio padrão de 6,51; os adolescentes com ato infracional de furto apresentam média de 22,00 respostas e desvio padrão de 6,85 e os adolescentes sem histórico infracional apresentam média de 20,00 respostas e desvio padrão de 5,99.

A escolaridade que aparece com maior frequência no grupo de adolescentes infratores com homicídio é a que inclui estudantes entre a 5ª e a 8ª série do ensino fundamental (55%). A escolaridade mais frequente dos adolescentes não infratores também se encontra entre a 5ª e a 8ª série do ensino fundamental (72,5%). A escolaridade mais baixa que aparece é no grupo de adolescentes que praticaram furto, entre a 1ª e a 4ª série do ensino fundamental (57,5%).

Variáveis referentes às hipóteses do estudo

Para verificar possíveis diferenças na pontuação em cada uma das variáveis selecionadas para o estudo, foi realizado o teste X^2 de Pearson. A seguir serão apresentados os resultados de cada variável separadamente. Os resultados das Respostas obtidas em espaço branco (S) podem ser visualizados na Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição de frequência e porcentagem de adolescentes com respostas no espaço em branco (S).

Situação	Variável					
	S entre 0 e 2	P	S entre 3 e 5	P	S acima de 6	P
Homicídio	28	70,0	9	22,5	3	7,5
Furto	34	85,0	4	10,0	2	5,0
Não infratores	33	82,5	7	17,5	0	0

Pode-se observar que 70% dos homicidas, 85% dos que praticaram furto e 82,5% dos não infratores apresentaram entre zero e duas respostas de S. O teste X^2 não apresentou diferenças estatisticamente significativas entre a variável S. Ao comparar a situação do grupo que praticou furto com o grupo dos não infratores, resultou num ($X^2=0,243$). Ao comparar o grupo de furto com o grupo de homicidas ($X^2=0,259$) ($p<0,05$) e entre homicidas e não infratores resultaram ($X^2= 0,160$) ($p<0,05$).

Para verificar o quociente afetivo (Afr) nas três situações, optou-se por apresentar os resultados considerando-se a média para 16 anos de idade, conforme Tabela 4.

Tabela 4- Distribuição de frequência e porcentagem de adolescentes conforme a presença do quociente afetivo Afr.

Variável						
Situação	Afr abaixo da média	P	Afr na média	P	Afr acima da média	P
Homicídio	29	72,5	2	5,0	9	22,5
Furto	35	87,5	1	2,5	4	10,0
Não infratores	34	85,0	0	0	6	15,0

Pode ser evidenciado que o quociente afetivo Afr de 72,5% dos homicidas, 87,5% dos que praticaram furto e 85% dos não infratores apresentaram resultados abaixo da média. Considerou-se a média de 0,65 apresentada para a idade de 16 anos, de uma amostra norte americana, citada em Exner, (1999) por não haver dados específicos para esta idade em publicação nacional.

O teste X^2 não apresentou diferenças estatisticamente significativas com a variável Afr nos grupos. Ao comparar homicidas e os que praticaram furto resultou ($X^2=0,244$) ($p<0,05$). Ao comparar os que praticaram furto e os não infratores resultou em ($X^2=0,493$) ($p<0,05$) e entre homicidas e não infratores apresentaram um ($X^2= 0,223$) ($p<0,05$).

Em relação à proporção Forma - Cor, os resultados podem ser visualizados na Tabela 5.

Tabela 5 – Distribuição de frequência e porcentagem de adolescentes nos três grupos com a proporção FC:CF+C.

Situação	Variável					
	FC>CF+C	P	FC<CF+C	P	FC=CF+C	P
Homicídio	18	45,0	11	27,5	11	27,5
Furto	17	42,5	10	25,0	13	32,5
Não infratores	24	60,0	7	17,5	9	22,5

Na Tabela 5 observa-se de que 60% dos não infratores apresentaram FC>CF+C, uma frequência maior do que dos homicidas com 45%, e dos que praticaram furto com frequência de 42,5%. Ao apresentar a proporção FC<CF+C verifica-se um equilíbrio entre a frequência de homicidas e dos que praticaram furto com 27,5% e 25% respectivamente, e um número menor de não infratores com 17,5% dos casos. Quando FC=CF+C 27,5% dos homicidas apresentam essa proporção, 32,5% dos que praticaram furto e 22,5% dos não infratores.

Ao comparar os grupos, nenhum deles mostrou-se estatisticamente significativo. Na proporção FC>CF+C resultou em ($X^2=0,238$) ($p<0,05$), e na proporção FC<CF+C resultou ($X^2= 0,546$) ($p<0,05$) e na proporção FC=CF+C resultou ($X^2= 0,606$) ($p<0,05$).

Em relação às respostas que contem movimento agressivo AG, os resultados podem ser observados na Tabela 6.

Tabela 6 – Distribuição de frequência e porcentagem de adolescentes com respostas que contem movimento agressivo - AG.

Variável						
Situação	AG =0	P	AG com 1 ou 2	P	AG acima de 3	P
Homicídio	26	65,0	11	27,5	3	7,5
Furto	28	70,0	10	25,0	2	5,0
Não infratores	22	55,0	17	42,5	1	2,5

Observa-se na Tabela 6 de que quando não há respostas de movimento agressivo a maior frequência aparece nos que praticaram furto com 70%, seguido dos homicidas com 65%. Quando AG apresenta uma ou duas respostas os não infratores aparecem com maior frequência (42,5%) e há um equilíbrio de frequência entre infratores de homicídio e dos que praticaram furto com 27,5% e 25,0% respectivamente.

Outro dado que surge é de que quando AG apresenta acima de três respostas os infratores homicidas aparecem com 7,5%, seguidos dos que praticaram furto com 5% de frequência e os não infratores demonstram uma frequência de 2,5 %.

O teste X^2 não revelou resultados estatisticamente significativos. Quando comparamos os infratores por homicídio e furto aparece um ($X^2=0,851$) ($p<0,05$), quando comparamos homicidas e não infratores resulta um ($X^2=0,270$) ($p<0,05$) e quando comparamos os que praticaram furto com os não infratores resulta em um ($X^2= 0,238$) ($p<0,05$).

Na Tabela 7 podemos observar o índice GHR: PHR.

Tabela 7 – Distribuição de frequência e porcentagem de adolescentes com respostas do índice GHR: PHR.

Variável						
Situação	GHR=PHR	P	GHR>PHR	P	GHR<PHR	P
Homicídio	3	7,5	16	40,0	21	52,5
Furto	8	20,0	16	40,0	16	40,0
Não infratores	10	25,0	20	50,0	10	25,0

Verificamos na Tabela 7 que quando no índice GHR: PHR os dois lados são iguais, salientando-se de que não aparecem dados com ambos os lados nulos, a maior frequência aparece no grupo dos não infratores com 25%, os que praticaram furto aparece com 20%. Com o índice GHR: PHR apresentando o lado GHR maior que PHR a maior frequência também aparece nos não infratores com 50% e os infratores tanto homicidas como os que praticaram furto resultam em 40% cada. Quando o índice GHR: PHR apresenta o lado PHR maior que o GHR a maior frequência aparece nos homicidas com 52,5%, seguido dos infratores que praticaram furto com 40% e dos não infratores com uma frequência de 25%.

O teste X^2 revelou resultados que não são estatisticamente significativos quando comparamos adolescentes que praticaram furto e não infratores resultando em ($X^2=0,359$) ($p<0,05$), bem como na comparação dos grupos infratores de homicídio e dos que praticaram furto com resultado ($X^2=0,229$) ($p<0,05$).

Ao compararmos os homicidas e os não infratores o teste X^2 revelou resultados estatisticamente significativos ($X^2=0,017$) ($p<0,05$). Evidencia uma diferença nos resultados entre respostas de conteúdo pobre e de bom conteúdo entre os dois grupos. Os

adolescentes homicidas apresentam maior quantidade de respostas de conteúdo pobre que os não infratores.

Os resultados da Nota D podem ser visualizados na Tabela 8.

Tabela 8 – Distribuição de frequência e porcentagem de adolescentes com relação à Nota D.

Variável						
Situação	Nota D positiva	P	Nota D na média	P	Nota D negativa	P
Homicídio	7	17,5	18	45,0	15	37,5
Furto	4	10,0	10	25,0	26	65,0
Não infratores	5	12,5	13	32,0	22	55,0

Na Tabela 8 podemos verificar que a Nota D positiva aparece com maior frequência entre os homicidas com 17,5% dos casos e em menor frequência nos adolescentes com furto 10,0%. Tendo a Nota D na média a maior frequência também aparece entre os homicidas com 45 % e novamente a menor frequência está nos que praticaram furto com 25%. Quando a Nota D está negativa a maior frequência encontra-se nos que praticaram furto com 65% e a menor nos homicidas com 37,5%.

O teste X^2 não mostra diferenças estatisticamente significativas quando comparamos adolescentes não infratores e os que praticaram furto ($X^2=0,658$) ($p<0,05$), bem como quando comparamos os não infratores com os homicidas ($X^2=0,292$) ($p<0,05$). Ao compararmos os infratores que praticaram furto com os homicidas os resultados mostraram-se estatisticamente significativos ($X^2=0,048$) ($p<0,05$), com os adolescentes que praticaram furto tendo maior frequência em D que os adolescentes homicidas.

O teste X^2 quando usado para verificar se entre a variável D nos grupos considerando estar na média, abaixo ou acima dela, revelou dados não significativos para resultado com D na média ($X^2 = 0,163$) ($p < 0,05$) e D positivo ($X^2 = 0,604$) ($p < 0,05$). No entanto com os resultados da Nota D negativa mostrou resultado estatisticamente significativo ($X^2 = 0,045$) ($p < 0,05$), com os adolescentes que praticaram furto tendo maior frequência em D que os adolescentes homicidas.

Para verificar possíveis diferenças entre os grupos na Nota AdjD foi elaborada a Tabela 9.

Tabela 9 – Distribuição de frequência e porcentagem de adolescentes com relação à Nota AdjD.

Variável						
Situação	Nota AdjD positiva P		Nota AdjD na média P		Nota AdjD negativa P	
Homicídio	10	25,0	18	45,0	12	30,0
Furto	5	12,5	10	25,0	25	62,5
Não infratores	8	20,0	10	25,0	22	55,0

Verifica-se que quando a Nota AdjD é positiva a maior frequência encontra-se nos homicidas com 25% e a menor nos que praticaram furto 12,5%. Quando AdjD está na média a maior frequência também está nos homicidas com 45% e os infratores com furto e os não infratores tem frequência de 25% cada. Quando AdjD está negativa o resultado dos infratores com furto apresenta uma frequência de 62,5% enquanto os homicidas apresentam frequência de 30%.

O teste X^2 mostra diferenças estatisticamente significativas quando comparamos a variável nos grupos infratores de homicidas e dos que praticaram furto ($X^2= 0,014$) ($p<0,05$), com AdjD negativa mais freqüente em furto. Quando comparamos homicidas e não infratores com ($X^2=0,066$) ($p<0,05$), AdjD positivo e na média e positivo é mais freqüente em homicidas e AdjD negativo é mais freqüente em não infratores. Ao verificar os resultados do X^2 com a Nota AdjD na média observamos dados estatisticamente significativos também na relação de homicidas e adolescentes com furto($X^2=0,061$) ($p<0,05$), bem como quando comparamos homicidas e não infratores($X^2=0,061$) ($p<0,05$). Resultado semelhante quando verificamos na Nota AdjD negativa entre os mesmos adolescentes homicidas e com furto($X^2=0,004$) ($p<0,05$), bem como entre homicidas e não infratores($X^2=0,024$) ($p<0,05$).

Os dados sobre respostas de conteúdo humano M podem ser visualizados na Tabela 10.

Tabela 10 – Distribuição da freqüência e porcentagem de Respostas M fornecidas pelos adolescentes.

Variável M										
Situação	0 a 1	P	2 e 3	P	4 e 5	P	6 e 7	P	acima de 8	P
Homicídio	9	22,5	7	17,5	12	30,0	5	12,5	7	17,5
Furto	9	22,5	18	45,0	8	20,0	2	5,0	3	7,5
Não infratores	7	17,5	14	35,0	10	25,0	8	20,0	1	2,5

Pode-se visualizar pela Tabela 10 de que no grupo de homicidas a maior freqüência encontra-se entre 4 e 5 respostas de conteúdo humano fornecidas num protocolo com 30%

dos participantes. Já para os que praticaram furto a maior frequência encontra-se entre duas e 3 respostas de conteúdo humano com 45% dos participantes, e no grupo de não infratores também a maior frequência encontra-se entre duas e 3 respostas de conteúdo humano com 35% dos participantes. Salienta-se o grupo de homicidas quando são fornecidas acima de oito respostas de conteúdo humano onde apresenta 36,3% a mais de respostas que os que praticaram furto e 54,5% a mais que os não infratores.

Na Tabela 11 verificamos o número de respostas dadas em cada situação, considerando num grupo respostas de qualidade formal u, o e + e no outro grupo respostas de qualidade formal -.

Tabela 11 – Distribuição de frequência e porcentagem de respostas M dadas pelos adolescentes considerando a qualidade formal.

Situação	Variável M			
	u, o +	P	-	P
Homicídio	123	64,4	68	35,6
Furto	86	69,9	37	30,1
Não infratores	100	70,4	42	29,6

Verifica-se na Tabela 11, de que 35,6% das respostas dos homicidas possuem qualidade formal negativa, enquanto para os não infratores o número é de 29,6%. Considerando-se somente a qualidade formal negativa o grupo de homicidas apresenta 21% a mais do que os que praticaram furto e 17,6% a mais do que os não infratores.

Ao proceder a uma múltipla comparação – Tukey entre respostas M - entre grupos encontramos pela ANOVA 0,056 com $gl=2$ e $F=2,943$. Respostas M- entre adolescentes com furto e com homicídio resultou ($X^2=0,066$) ($p<0,05$)

Ao compararmos respostas M entre homicidas e de furto encontramos ($X^2=0,034$) ($p<0,05$), adolescentes com homicídio apresentam maior frequência de respostas M bem como apresentam maior frequência de respostas M-. Para respostas Mo entre homicidas e de furto encontramos ($X^2=0,021$) ($p<0,05$) resultados também estatisticamente significativos. Os adolescentes de furto apresentam maior frequência de respostas Mo que os adolescentes homicidas.

Considerando duas variáveis agrupadas nos mesmos participantes, ou seja, ao separar aqueles que forneceram estilo extratensivo e ao mesmo tempo tiveram ao menos uma resposta C, encontramos um ($X^2=0,264$) ($p<0,05$) entre homicidas e que praticaram furto, não significativo. No entanto entre homicidas e não infratores encontramos um ($X^2=0,034$) ($p<0,05$), significativo estatisticamente, isto é, os adolescentes homicidas apresentam frequência maior de respostas nessa combinação que os não infratores.

Considerando outras duas variáveis agrupadas nos mesmos participantes, isto é, aqueles que apresentaram $PHR>GHR$ e tiveram ao menos uma resposta C, quando em participantes homicidas em comparação com não infratores encontramos um ($X^2= 0,010$) ($p<0,05$), estatisticamente significativo, ou seja, os adolescentes homicidas apresentam frequência maior de respostas nessa combinação que os não infratores.

Quando temos participantes com $PHR>GHR$ e com uma resposta C em participantes que praticaram furto e não infratores temos um ($X^2=0,105$) ($p<0,05$), não significativo estatisticamente.

Ao tentar combinar três variáveis, isto é, $PHR > GHR$, com ao menos uma resposta dada sendo C e com D negativo, entre homicidas e não infratores temos um $(X^2=0,166)$ ($p < 0,05$) não significativo estatisticamente.

DISCUSSÃO

Em uma constatação citada em Levisky (2001), de que na realidade brasileira há poucos estudos relacionados com delinquentes na fase da adolescência em instituições, onde ficam isolados, com o objetivo de educá-los para retornarem á sociedade e não mais transgredirem a lei, mostra de certa forma o desinteresse em tentar buscar respostas para aprofundar dados.

O ser humano na fase da adolescência passa por momentos (Santrock, 2003), em que extravasa, fazendo coisas destrutivas ou inoportunas. Esses comportamentos podem se tornar freqüentes e ficar fora de controle onde a conduta começa a ficar comprometida. Se resultar em atos contra a lei a sociedade começa a considerá-los delinquentes ou em conflito com a lei.

Este trabalho teve como objetivo buscar evidencias de validade para o Método de Rorschach no Sistema Compreensivo, em uma população de adolescentes infratores que estão submetidos à medida sócio educativa de internação, a qual restringe a liberdade de ir e vir dos adolescentes por um período de tempo. Para chegar nesse objetivo proposto, os infratores foram comparados entre si considerando-se delitos de furto e homicídio com adolescentes sem histórico infracional.

O critério básico é de que todos os participantes, dos três grupos, são adolescentes do sexo masculino. Outro critério adotado é de que a idade dos adolescentes deveria estar no intervalo de 12 a 17 anos. Esse último critério foi usado baseando-se no Estatuto da Criança e do Adolescente que considera o adolescente em conflito com a lei aquele que comete infrações e encontra-se nessa faixa etária.

As Tabelas 1 e 2 caracterizam a amostra nos aspectos da idade e faixa de escolaridade. A média de idade apresentada nos três grupos gira em torno dos dezesseis

anos de idade. Ao considerarmos a escolaridade, os grupos de infratores com homicídio e furto apresentam maior frequência no primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental. O grupo de não infratores apresenta uma frequência maior no segundo ciclo do ensino fundamental e nos primeiros anos do ensino médio. Tal fato pode estar relacionado com a citação de Lopes (2003), onde as perturbações no comportamento evidenciam-se após o início do período escolar e dessa forma podem concorrer para que o adolescente ao cometer ato infracional abandone o segmento escolar. Esse abandono pode durar anos e em alguns casos pode não mais retornar à escola.

Entende-se que o adolescente também pode abandonar a escola primeiramente, por inúmeros motivos, como o uso de drogas ou pela desorganização familiar que gera conflitos, e na sequência pode vir a cometer atos contra a lei. Ao cometer os delitos pode vir a ter sua liberdade restrita e começa a atrasar-se na escola, não vislumbrando mais perspectivas na área. Apesar de que se for detido e encaminhado para internação provisória ou internação recebe acompanhamento escolar obrigatório. Esse ‘descaso’ para com a escola pode ter relação com o indicador de respostas em espaço em branco, onde as condutas de oposição e negativismo podem estar destacadas com maior ênfase nesse período de vida.

Dentre as variáveis inicialmente destacadas verificou-se que a frequência das respostas dadas em espaço em branco apresenta no intervalo entre zero e duas respostas uma porcentagem menor no grupo dos homicidas em relação aos outros grupos. Acima de três respostas em espaço em branco aparece numa frequência maior em quem cometeu homicídio, bem com quando são fornecidas acima de seis respostas em espaço em branco conforme a tabela três. Weiner (2000) afirma que a mediana de S para grupos de 5 a 16 anos de idade é uma ou duas respostas. As frequências de S superiores a duas respostas e geralmente indicam uma característica da personalidade que interfere nas experiências

prazerosas de afeto. São pessoas que guardam níveis de raiva e ressentimento acima dos observados contra as pessoas e que chegam a desconsiderar aqueles que não atendem suas necessidades ou por colocarem obstáculos nas realizações de suas metas. A raiva em excesso constitui um estado afetivo desagradável e pode provocar comportamentos problemáticos, por meio de condutas de oposição e negativismo. Esse resultado encontra-se em concordância com os resultados obtidos por Bohm(1953), Flachier (1987), Parisi, Pés, Faraglia, Lanotte e Spaccia (1992), citados em Fazzani Neto, 1994) onde foram avaliados pelo Método de Rorschach em outros sistemas tanto com homicidas como em quem praticou roubo. Gacono e Meloy (1994) encontraram resultados parecidos nos protocolos de criminosos.

Dessa forma, nossa pesquisa apresenta resultados com o esperado e confirma a hipótese inicial, muito embora seja ainda necessário acrescentar que na literatura o aumento de S não significa necessariamente um comportamento violento, mas sim uma disposição hostil em relação ao meio, uma tendência de oposição generalizada. Ao nos depararmos com a teoria vemos que nessa fase de vida muitos indivíduos agem de maneira como essa, desconsiderando o meio e as pessoas, até como uma forma de auto -afirmação.

Podemos exemplificar com respostas dadas em protocolos de adolescentes homicidas como:

Prancha V – Parece duas aves voando lado a lado. – Parece duas aves voando lado a lado. Parece gaivota com perna grande. Imagino monte de nuvem (no branco), imagino um dia de chuva, com céu claro atrás, branco. A nuvem carregada fica branca.

Prancha I - Tipo uma máscara. - Tipo uma máscara. Furos para usar olhos, nariz (espaço em branco). Para não mostrar bem a boca e deixar a fala. Usado para esconder a cara. Todo mundo tem segunda face, esconde o lado ruim usando a máscara.

De outra forma podemos considerar a presença de uma atitude negativista, hostil, desafiadora para com pessoas que representem autoridade e para com a lei características pertencentes na classificação de Transtorno Desafiador de Oposição constante no DSM-IV-TR.

O índice do quociente afetivo(Afr), foi baseado na média de 0,65 apresentada para a idade de 16 anos de amostra norte americana, pois não há amostra específica para esta idade no Brasil. Encontramos no grupo de homicidas, conforme a tabela 4 a menor frequência de resultados abaixo da média com 72,5 % entre os três grupos. Indivíduos que apresentam um Afr baixo correm o risco de serem retraídos emocional e socialmente. As pessoas se sentem constrangidas diante de situações de demonstração de afeto(Weiner, 2000).

A modulação do afeto implica no modo como a pessoa lida com os sentimentos em si, e como reage aos sentimentos de outras pessoas e as situações com uma certa dose emocional. Uma frequência baixa do Afr pode refletir uma tendência evitativa, como se alguém evitasse uma situação de estímulo de emoção diante do temor de um possível descontrole. Aparecendo resultados assim em um protocolo de adolescente pode indicar que o mesmo pode estar perdendo muitos intercâmbios que poderiam contribuir em seu desenvolvimento pessoal. Sendo uma das variáveis mais estáveis do Rorschach, mostra como que um estilo da pessoa, dificilmente modificável.

Exner (1994), comenta que pesquisas relacionando o Afr e a conduta são muito escassas.

Uma constatação que obtemos é de que neste estudo, adolescentes que cometeram homicídio tendem a evitar uma situação de estímulo emocional, somada a resultados que revelam que os homicidas apresentam maior frequência de respostas em espaço em branco.

Ao considerarmos a proporção Forma – Cor, sendo as respostas FC em número maior que a soma de respostas CF e respostas C os adolescentes não infratores obtiveram o maior percentual, com 60% da amostra. Isto pode demonstrar o quanto o adolescente sem envolvimento criminal consegue manter equilíbrio entre os canais de expressão emocionais e ideacionais, e entre níveis de esforço razoáveis e mais intensos para expressar a experiência afetiva de maneira positiva.

Quando verificamos a proporção Forma – Cor e as respostas CF+C apresentam-se maiores que as respostas FC, os adolescentes que praticaram homicídio apresentaram um percentual maior que os outros grupos. Esse resultado assemelha-se ao resultado encontrado por Bohn (1953, citado em Fazzani Neto, 1994) em psicopatas anti sociais. Tal aspecto também é citado nos estudos de Flachier(1987), Heralult(1987) em protocolos de sujeitos institucionalizados delinquentes. E em Parisi, Pés, Faraglia, Lanotte e Spacia (1992), citados em Fazzani Neto, 1994) em estudo de distúrbio anti-social de personalidade.

Esses resultados vêm em concordância com o esperado e confirma-se a hipótese inicial. Os critérios ao se definir uma proporção FC:CF+C variam conforme a idade. Crianças tendem a se tornarem progressivamente mais controladas e estáveis do ponto de vista afetivo, ao passar dos anos, e considera-se com um índice de amadurecimento emocional. O que de certa forma provoca essa parada, essa inibição e não permite uma evolução para valores encontrados em adultos numa proporção de equilíbrio nas respostas FC:CF+C. O que faz com que os valores permaneçam próximos aos dados por crianças, que agem mais por impulso, com imaturidade e, onde certamente se tornarão adultos imaturos que vivenciarão e irão expressar seus afetos de maneira dramática e intensa e superficial.

Essa maneira inadequada de expressar os afetos pode estar relacionado ao que Winnicott (1965) associa a delinquência, uma falta de vida familiar, onde num primitivo vínculo mãe-bebê, ocorre uma frustração e ansiedade excessiva, fantasiada pela figura da mãe ou num ambiente patológico pode produzir como que um curto circuito no desenvolvimento psíquico da criança. Uma falta de estímulo afetivo pode gerar um desenvolvimento anômalo o que pode vir a desenvolver comportamentos anti sociais.

Pela tabela 6 observamos que praticamente não há nenhuma diferença significativa em relação a variável AG nos grupos, ela não se mostra como uma variável diferenciadora, quando vista isoladamente. Quando consideramos mais de três respostas AG os adolescentes que praticaram homicídio se destacam. A diferença na frequência praticamente não existe, no entanto em valores percentuais, os homicidas apresentam diferença estatística, apesar de não significativa. Pode-se dizer que existem leves indicadores para confirmar a hipótese inicial. Weiner (2000), comenta que os criminosos anti-sociais condenados por crimes violentos costumam apresentar numerosas respostas AG nos protocolos. Da maioria dos estudos vistos na Introdução conclui-se que não há sinais evidentes de agressividade, nos resultados obtidos, como os aqui encontrados.

Cabe destacar que nos estudos de Timsit e Bastin (1987) com criminosos, onde muito poucos sinais de agressividade direta apareceram. Concluíram como que numa proporção inversa, quanto maior o número de conteúdos agressivos num protocolo, menor seria o risco do sujeito de fato agir. Aqui se destaca o conteúdo dos objetos que apresentam um cunho, um teor de agressividade, como machado, espada, revólver entre outros.

No Sistema Compreensivo AG tem relação com as respostas que contem Movimento Agressivo, os quais identificam uma perspectiva de que a interação na realidade ocorra de modo mais assertiva ou pelo menos mais competitiva do que cooperativa (Weiner, 2000).

Nos protocolos de adolescentes homicidas encontramos exemplos de respostas AG como:

Prancha II – Dois caras fazendo assim com a mão... Dois caras fazendo assim com a mão...Batendo joelho um no outro, saindo sangue. Eles tudo manchado de sangue, acho que vai morrer. Agachados e um batendo na mão do outro.

Prancha III – Um corpo se partindo ao meio. Alguém rasgando ele no meio, que nem filme de terror. Alguém? É alguém, uma pessoa.

Ao se fazer uma análise das respostas podemos constatar toda a agressividade contida na verbalização do adolescente, em que coloca dois humanos numa ação comportamental de confronto onde a intenção clara é de que um deles mate o outro. Essa oralidade onde a destruição, o aniquilamento, a morte de um humano parece fazer parte de um dia a dia vem revelar muito das intenções atuais desse indivíduo na sociedade, e como provavelmente reproduzirá diante dos indivíduos com quem convive.

Considerando o índice GHR:PHR que mede a relação entre respostas de conteúdo humano boas e respostas de conteúdo humano pobre num protocolo temos que os adolescentes não infratores na sua grande maioria apresentam o GHR maior ou igual que as respostas de conteúdo pobre. Outra constatação é de que os adolescentes homicidas e os adolescentes que praticaram furto apresentam frequências mais elevadas de PHR. Quando feita a comparação do resultado dos adolescentes homicidas com os não infratores com o teste X^2 , temos resultados estatisticamente significativos. Esse resultado está em consonância com os resultados apresentados por Gonçalves (2004), estudo com infratores do sexo masculino e na mesma faixa etária, onde revelou dificuldade no contato pessoal.

Como exemplo de respostas GHR dadas em protocolos de adolescentes não infratores temos:

Prancha II – Dois piás, um cumprimentando o outro. Dois piás, um cumprimentando o outro. Parece o pé, cabeça, de gorro, blusa e mão. Estão agachados.

Prancha X – Parece dois homens de capacete russo dançando, parece festa. Parece dois homens de capacete russo dançando, parece festa. Dançando de costas. Festa? É festa pelo colorido.

Como exemplo de respostas GHR dadas em protocolos de adolescentes infratores homicidas temos:

Prancha VII – Duas pessoas olhando uma para a outra, tipo um índio.

Prancha VII - Duas pessoas querendo se beijar uma na outra.

E como exemplo de respostas PHR dadas por adolescentes não infratores:

Prancha VIII – Uma caveira vestida de mago com uma espécie de lança, atingindo e cortando pedaço de carne de raspão. Uma caveira vestida de mago com uma espécie de lança, atingindo e cortando pedaço de carne de raspão. Carne azul, podre. Roupa pelo formato, grande e por usar chapéu pontudo e comprido.

Prancha VIII – Cara de um palhaço triste. Cara de um palhaço triste. O olho ta para baixo.

E como exemplo de respostas PHR fornecidas por adolescentes infratores homicidas:

Prancha I - É preto. É preto. Alguma coisa de bom não é. Seria bagulho do mal, o Lúcifer.

Prancha VI – Dois braços. Dois braços. Parece saindo de dentro da terra.

Nas respostas de GHR ao confrontarmos podemos ver claramente que o adolescente não infrator dá uma resposta muito mais elaborada que o infrator, que apesar de ser uma resposta boa, difere em termos de complexidade. Nas respostas PHR não se observa uma diferença muito acentuada, temos uma resposta do adolescente não infrator

com maior quantidade de detalhes, e dos infratores respostas mais objetivas, sem muita verbalização.

Um dado importante surge quando constatamos que os adolescentes homicidas apresentam a nota D=0 muito freqüente. Um indivíduo que apresenta a nota D nesse valor geralmente não revela ansiedade, tensão, nervosismo ou irritabilidade manifesta, revelando toda a capacidade presente de controle. Pessoas que apresentam esses valores tendem a não sentir necessidades de mudar sua maneira. Podem inclusive apresentar suscetibilidade a certos problemas de ajustamento. Por ser derivado de uma análise conjunta de quase todos os determinantes codificados no Sistema Compreensivo, a nota D é um valor de ampla fundamentação, interligação e relevância interpretativa do Rorschach (Weiner, 2000).

O que faz um indivíduo apresentar todo esse controle, sem estresse, sem intenção clara de mudar e buscar a eliminação do outro, matando de forma fria, intencional. Pode-se entender como um ponto relevante, pois há grandes possibilidades de estarmos diante de um indivíduo que descarrega suas tensões de forma fria, com objetivo de destruir, sem identificação com o semelhante.

Outro ponto importante surge quando há uma diferença estatisticamente significativa quando comparamos homicidas com quem praticou furto, mostrando a diferença de *modus operandi* desses adolescentes em suas atuações. Onde o primeiro tem uma ação direta de confronto contra a pessoa, e o segundo visa o patrimônio.

Os resultados indicam também que a nota D negativa apresenta resultado estatisticamente significativo, quando comparado nos grupos. Indivíduos com a nota D negativa são ansiosos, tensos, nervosos, irritáveis. Indica estado psicológico indesejável e desagradável, não se sentindo satisfeito consigo mesmo, a pessoa se motiva as mudanças, voltando-se para tentar reduzir níveis de desconforto (Weiner, 2000). Dessa forma pode-se

entender o fato de que os adolescentes não infratores e até os adolescentes que praticaram furto apresentaram maior frequência que os homicidas.

Quando temos a nota D ajustada que é um indicador da capacidade da pessoa para manter o controle e a direção das condutas habituais, verificamos uma diferença estatisticamente significativa quando comparamos os grupos infratores de homicidas e furto e uma tendência a estar significativa na comparação de homicidas e adolescentes não infratores. Quando comparamos os resultados com $AdjD=0$ entre homicidas e adolescentes que praticaram furto e entre homicidas e não infratores podemos hipotetizar que os adolescentes com furto são os que sofrem menos estresse, pois praticamente não apresentaram mudanças entre valores de nota D e $AdjD$.

Os dados se assemelham e os homicidas apresentam maior frequência na $AdjD=0$, similar aos dados da nota D. E de que a frequência de adolescentes com furto e não infratores se iguala.

Ao verificar as respostas de movimento humano - M, temos que os homicidas fornecem um número maior de respostas quando são fornecidas nos intervalos entre quatro e cinco respostas e acima de seis respostas. Nos adolescentes que praticaram furto e nos adolescentes não infratores a maior frequência encontra-se no intervalo entre duas e três respostas. Nos estudos como os de Bohn (1953, citado em Fazzani Neto, 1994), com psicopatas anti-sociais; Parisi, Pés, Faraglia, Lanotte e Spacia (1992, citados em Fazzani Neto, 1994) em estudo de distúrbio anti-social de personalidade; Sá (1997, em Castro, 1998) com homicidas. Foram encontrados resultados contrários, isto é, com poucas respostas M nos protocolos.

Um resultado que se destaca é de que quando são fornecidas mais de oito respostas M por protocolo, os adolescentes homicidas fornecem numa quantidade muito maior que os adolescentes não infratores, numa proporção de sete para um.

Ao verificar a qualidade formal das respostas de movimento, vemos que todos os três grupos fornecem maior quantidade de respostas com qualidade formal u, o e + agrupadas. Ao compararmos as respostas com qualidade formal negativa temos que a maior frequência encontra-se no grupo de homicidas. Dessa forma entende-se que os homicidas são os que apresentam um número maior de respostas de M no geral, e apresentam também um maior número de respostas de cunho formal negativo. Considerando que quanto maior for o número de repostas M negativas, maior será a probabilidade de existir graves dificuldades de ajustamento, decorrentes de uma percepção inadequada de pessoas e interações sociais.

Quando encontramos consideramos variáveis agrupadas como comparando protocolos com no mínimo uma resposta C e tendo o estilo extratensivo e esses dados revelam-se significativos estatisticamente na relação homicida e em adolescentes não infratores. Dessa forma tendo os homicidas uma maior frequência de respostas C e tendo o estilo extratensivo podemos inferir o quanto esse individuo pode descarregar sua emoção sem o controle necessário para que não venha a cometer abusos. Também agrupando aqueles com $PHR > GHR$ e que apresentaram ao menos uma resposta C, temos dados significativos também na relação homicida não infrator. Onde os homicidas apresentaram uma frequência maior desse conjunto de variáveis. Podemos de certa forma relacionar com o evento que ocorreu em Havana em 1995 sobre o fenômeno do homicídio em que se concluiu que a conduta agressiva não pode ser obtida baseando-se num fator apenas, mas sim num conjunto. Essa interação também explosiva onde adolescentes sem controle dos afetos e apresentando uma grande dificuldade na inter relação com os outros indivíduos da comunidade pode vir também a apresentar problemas de conduta.

Os resultados obtidos no presente estudo podem ter relação com os estágios psicossociais de Erikson, onde basicamente o indivíduo que se desenvolve com confiança,

autonomia, iniciativa, sendo produtivo e que supere uma crise de identidade consegue de certa forma uma convivência aceitável na sociedade em que vive. Essa convivência também relacionada ao que comenta Winnicott (1965) onde relaciona a delinquência à falta de vida familiar onde em lugar de recorrer à família ou a escola para conseguir uma estabilidade volta-se para a sociedade, ou seja, fora de casa, nas ruas com desconhecidos dos pais, das figuras materna e paterna que representam de certa forma a autoridade, a lei para o adolescente. Cabe salientar a importância que se destaca para a primeira infância, onde o vínculo mãe-bebê, o cuidado para com o filho, ou o não cuidado de seus cuidadores pode prejudicar de maneira o desenvolvimento do indivíduo em suas várias fases de vida. Sua percepção da realidade externa fica prejudicada, por determinadas características da vida em família que não viveu, não lhe permitindo compreender que a causa da sua situação atual é externa. De outra forma não consegue elaborar seu sentimento de culpa, pois lá na primeira infância, não foi devidamente acolhido para poder superar a etapa de desenvolvimento a contento.

Feldman (1977), revela em seus estudos que a aquisição e internalização de valores morais e da sociedade necessitam de mediação de afeto, sem afetividade nas relações entre as pessoas o processo de aprendizagem fica comprometido.

Nesse sentido Grinberg (1976), corrobora ao salientar de que a criança abandonada, agredida, violentada, em seu lar, nos seus direitos pode vir a se tornar um delinquente não para aquela família, mas para a sociedade onde irá conviver. Onde o sentimento que se encontra presente no adolescente é de inadaptação diante do processo de vida, da sua vida.

Segundo Winnicott (1987), a tendência anti-social seria diferente da delinquência, presente nas crianças e se relacionando com as dificuldades do desenvolvimento emocional. Na medida em que se estrutura como um comportamento repetitivo, cronificado e com ganhos secundários, pode-se falar em psicopatologia, delinquência.

Considerando o DSM IV TR (2002), os adolescentes infratores desse estudo podem apresentar Distúrbios de Conduta. Os que praticaram furto podem ser incluídos na categoria leve. Os adolescentes que praticaram homicídio podem ser incluídos na categoria severo, isto é, apresentam de modo geral pouca empatia, ausência de culpa, o caráter explosivo, descontrolado nas descargas emocionais ao meio, baixa auto estima , ou seja, em consonância com os resultados das variáveis obtidas nesse estudo, $PHR > GHR$, $Afr \downarrow$, $M - \uparrow$, C com extratensivo.

Nesse aspecto entende-se da importância da família e Grünspun (2000), enfatiza o aspecto de que atitude do adulto conduz a criança à delinqüência, com permissividade ou restrição exageradas. Afirma que a profilaxia e terapêutica da delinqüência devem dirigir-se aos pais. Num primeiro momento, ao perceber a criança e suas dificuldades e evitar a continuidade daquele comportamento, devem procurar ajuda externa. Justice, Justice e Kraft (1974), na mesma linha de pensamento referem que a identificação precoce pode fazer a diferença entre uma juventude sadia e uma vida de criminalidade. Middendorff (1964), apresenta entendimento similar ao afirmar que é melhor prevenir do que sancionar, ou seja, ter que recorrer a uma intervenção de órgãos do Estado.

CONCLUSÃO

Os resultados do estudo mostraram que houve precisão na codificação dos protocolos quando houve a comparação dos protocolos codificados pelo pesquisador e os protocolos codificados por juízes independentes. Esse dado ressalta na confiabilidade dos dados de que quando são avaliados por terceiros há a indicação torna-se mais confiável.

O estudo mostrou que alguns indicadores não apresentaram resultados estatisticamente significativos quando houve a comparação dos adolescentes infratores homicidas com os adolescentes infratores por furto, bem como dos adolescentes infratores homicidas com os adolescentes não infratores e também entre adolescentes infratores por furto e adolescentes não infratores. Esses indicadores foram: o espaço em branco S, o índice Afr, a proporção FC:CF+C e AG.

Mesmo com esses resultados não apresentando uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos trabalhados, as frequências apresentadas bem como o percentual obtido, os mesmos tendem para uma confirmação das hipóteses apresentadas.

O índice GHR:PHR revelou não haver diferenças estatisticamente significativas entre adolescentes com furto e não infratores, bem como entre homicidas e quem fez furto. Houve diferença estatisticamente significativa nos resultados apresentados entre adolescentes com homicídio e não infratores.

A nota D não revelou diferenças estatisticamente significativas entre adolescentes com furto e não infratores bem como entre homicidas e não infratores. Houve diferença estatisticamente significativa nos resultados apresentados entre os adolescentes infratores que praticaram furto e os que praticaram homicídio.

A nota D ajustada não revelou diferenças estatisticamente significativas entre adolescentes que cometeram furto e não infratores. Houve diferença estatisticamente significativa entre adolescentes homicidas e por furto bem como entre adolescentes homicidas e não infratores.

Os dados da nota D ajustada na média e da nota D ajustada negativa, demonstram haver diferenças estatisticamente significativas entre adolescentes infratores por furto e homicidas como também entre adolescentes não infratores e homicidas.

As respostas de movimento humano apresentaram resultados estatisticamente significativos quando comparamos adolescentes infratores por furto e homicidas. As respostas de movimento humano com qualidade formal 'o' apresentaram resultados estatisticamente significativos entre homicidas e em quem praticou furto.

Ao fazer a comparação agrupando-se duas variáveis, como indivíduos que são extratensivos e apresentaram ao menos uma resposta C obtivemos resultados estatisticamente significativos entre adolescentes infratores homicidas e adolescentes não infratores. Quando agrupamos o índice GHR:PHR onde o PHR apresentava resultados mais elevado que GHR agrupando com adolescentes que apresentaram ao menos uma resposta C, encontramos resultados estatisticamente significativos entre adolescentes infratores homicidas e adolescentes não infratores.

Também fizemos a comparação agrupando-se três variáveis: PHR>GHR com a nota D negativa e com ao menos uma resposta C. Essa combinação não apresentou resultados estatisticamente significativos, nas três comparações avaliadas, ou seja, entre homicidas e em quem praticou furto, entre homicidas e não infratores, e entre não infratores e em quem praticou furto.

Diante dos resultados obtidos e da literatura pesquisada reforça-se a importância e a responsabilidade da família no desenvolvimento da criança e do adolescente. Outro ponto a

salientar é de que os adolescentes do sexo masculino que cometem infrações hoje, será um adulto, um pai, que terá uma família e como será a atitude desse pai para com o seu filho no futuro. Irá desejar que o seu filho passe pelas mesmas dificuldades e seja um infrator como ele, ou não. Quebrar o elo da cadeia é necessário.

Diante dos resultados obtidos onde encontramos resultados importantes e significativos, entende-se da necessidade de realizar novas pesquisas, ampliar as amostras, para que possamos obter dados mais precisos e que possamos avançar na área. É necessário melhor avaliar para reduzir danos.

A razão principal que levou o pesquisador a realizar essa pesquisa era buscar um instrumento de avaliação psicológica, validado pelo Conselho Federal de Psicologia, e que pudesse avaliar as características de personalidade dos adolescentes que cometem atos infracionais e de certa forma tentar diante dos resultados obtidos auxiliar esse adolescente de alguma forma. A precisão obtida, já citada anteriormente, dá um bom indicador de que o instrumento utilizado mostra-se válido para esse fim.

Conclui-se que as diferenças verificadas pelo Método de Rorschach no Sistema Compreensivo para avaliar a personalidade de adolescentes em conflito com a lei permitem identificar alguns indicadores que discriminam determinados tipos de delitos praticados pelos mesmos. Os resultados obtidos com os indicadores GHR:PHR, nota D, AdjustD, M, Mo e a combinação de extratensivos com quem deu uma resposta C, enquanto dados que discriminam o relacionamento interpessoal, o controle e tolerância ao estresse e o estresse situacional além da capacidade de empatia, reforçam a validade desses indicadores, demonstrando a possibilidade de evidência de validade.

REFERÊNCIAS

Abade, A.;Coelho,L.; Fazzani Neto, R.(1993) Apreensão e representação de imagens em protocolos de Rorschach de examinandos violentos. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, 1(1): 64-75.

Abade, A.;Coelho,L.; Fazzani Neto, R.(2002) Apreensão e representação de imagens em protocolos de Rorschach de examinandos violentos. *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo*,12(1): 87-109.

Adrados, I. (1982). *Manual de psicodiagnóstico e diagnóstico diferencial*. (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Ajuriaguerra, J.S. (1983). *Manual de psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Masson do Brasil.

Amieiro Rodriguez, E. (1988). *Estúdio crimonológico de 63 hechos de homicídio y asesinato*. SIC, Minint.

Anastasi, A. e Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica* (Maria Adriana Veríssimo Veronese, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Ariès, P. (1978). *História social da criança e da família* (2ª). Rio de Janeiro: Guanabara. (Originalmente publicado em 1960. Título original: L'Enfant et la Vie familiale sous l'Ancien Règime).

Bernsteind, D. P.; Cohen, P.; Skodol, A.; Bezirganian, S. e Brook, J. S. (1996). Childhood antecedentes of adolescent personality disorders. *Am. Journal Psychiatry*. 153, 907-913.

Brito, L. M. T.(Coord.), (2000) *Jovens em conflito com a lei: a contribuição da universidade ao sistema socioeducativo*. (pp. 127-140). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Castro, P. F. e Rocha Jr, A. (1998). Organização intelectual de reeducandos que cometeram o delito de assalto avaliados pelo método de Rorschach. *Anais do III Congresso Ibero Americano de Psicologia Jurídica* (pp. 56-59). São Paulo: Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos.

Castro, P. F. (1998). O método de Rorschach como instrumento para a investigação da psicopatia. *Anais do III Congresso Ibero Americano de Psicologia Jurídica* (pp290-3). São Paulo: Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos.

Chamorro, M. S. (1990). *Psicoterapia dinâmica na delinquência juvenil* (Débora do Nascimento Leite e Katia Barbosa Macedo, trad.). Goiânia: Dimensão.

Colombo, I. (2002). *O adolescente infrator e o sistema de ensino paranaense: a trajetória da escola para menores - Professor Queiroz Filho (1965-1992)*. Tese de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Conselho Federal de Psicologia (2003). Resolução 002 - Institui o manual de elaboração de documentos escritos produzidos pelo psicólogo decorrente de avaliação psicológica. Brasília.

Cunha, J. M. (2000). A saúde do adolescente no contexto da ação socioeducativa. Em Brito, L. M. T.(Coord.), *Jovens em conflito com a lei: a contribuição da universidade ao sistema socioeducativo*. (pp. 127-140). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Cunha, J. A. (2000b). *Psicodiagnóstico – V* (5ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Duarte, C. S. (2000). *Características de personalidade de mães de crianças com diagnóstico de autismo infantil: um estudo comparativo*. Monografia de doutorado apresentada à Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo.

Einstein, E., Ruzany, M. H. E Gaensly, (1987). C. Aspectos gerais da adolescência. Em Nóbrega, F. J. (Org.) *Clínica pediátrica*. (pp. 36-44). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Erikson, E. H. (1968). *Identity: youth and crisis*. New York: W. W. Norton.

Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990), Diário Oficial da União. Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília-DF.

Exner, J. E. (1994). *El Rorschach: un sistema comprehensivo. Volumen 1: fundamentos basicos* (3ª ed.) (Manuel Esbert Ramírez, trad.). Madrid, España: Psimática.

Fattah, E. (1967). Towards a criminological clasification of victims. *International criminal police review*.

Fazzani Neto, R. (1994). *Comportamento violento: aspectos teóricos. Análise da apreensão e representação de imagens em protocolos de Rorschach de examinandos violentos*. Tese de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Feldman, M. P. (1977). *Comportamento criminoso: uma análise psicológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Foucault, M. (2001). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau.

Freud, A. (1946) The ego and the mechanism of defense. Nova York: International Universities Press.

Freud, S. (1928). *Dostoiévski e o parricídio*. Em Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad.) Rio de Janeiro: Imago.

Gacono, C. B. e Meloy, J. R. (1991). A Rorschach investigation of attachment and anxiety in antisocial personality disorder. *J. Nerv. Ment. Dis.* Sep; 179(9): 546-52.

Garcia, J. C. R. (1999). Aproximacion a la personalidad del homicida a traves del psicodiagnostico de Rorschach. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1(2), 27-32.

Gonçalves, C. M. T. S. (2004). O adolescente autor de ato infracional, um estudo pelo método de Rorschach. Em III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos (p 413-417). Porto Alegre, RS: Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos.

Grünspun, H. (2000). *Distúrbios psiquiátricos da criança*. São Paulo: Atheneu.

Güntert, A. E. V. A. (1996). *Crianças com nóculo vocal: estudo da personalidade por meio da prova de Rorschach*. Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal de São Paulo.

Güntert, A. E. V. A. (2001). Técnicas projetivas: o geral e o singular em avaliação psicológica. Em Sisto, F. F.; Sbardelini, E. T. B.; Primi, R. (Orgs.), Contextos e questões da avaliação psicológica. (pp.77-84). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Hutz, C. S. (Org.). (2002). Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Jiménez de Asnía, L. (1947). Psicoanálisis criminal. 5ta De. Buenos Aires: Ed. Losada, pp. 65-70.

Johnson, J. G.; Cohen, P.; Skodol, A.E.; Oldham, L. M.; Stephanie, K. e Brook, J. S. (1999). Personality disorders in adolescence and risk of Major Mental Disorders and Suicidality During Adulthood. *Arch. Gen. Psychiatry*. 56, 805-811.

Juan, A. A. (1998). El trastorno de conducta en la infancia como precursor del trastorno antisocial del adulto. Estudios de seguimiento a medio y largo plazo. Necesidad de programas preventivos. *Psiquiatria. com*, 2 (4). Artigo disponível em: http://www.psiquiatria.com/psiquiatria/vol2num4/art_2.htm 1998.

Klein, M. (1927). Tendências criminais em crianças normais. Em *Contribuições à psicanálise* (M. Maillat, trad.) (pp.233-252). São Paulo: Mestre Jou.

Lepre, R. M. (2003). Adolescência e construção da identidade. *Integrando*, 32, 20-24.

Levisky, D. L. (Org.). (2001). *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção. Conhecendo, articulando, integrando e multiplicando*. São Paulo: Casa do Psicólogo/Hebraica.

Lopes, S.C.M. (2003). Norma e desvio do comportamento delinqüente. *Integrando – Boletim Informativo do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná – Corregedoria Geral da Justiça*, 32(8), 72-79.

Loving, J. L. Jr. e Russell, W. F.(2000). Selected Rorschach variables of psychopathic juvenile offenders. *J. Pers. Assess.* Aug; 75(1): 126-142.

MacKinnon, R. A. e Michels, R. (1981). *A entrevista psiquiátrica na prática diária* (Helena Mascarenhas de Souza, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM – IV - TR. (2002). (Cláudia Dornelles, trad.), (4ª ed. Rev.). Porto Alegre: Artmed.

Morana, H. C. P.; Caires, M. A. F. e Martins, S. R. C. (1997). Variantes do transtorno anti-social e suas implicações em perícia: uma contribuição ao estudo do problema dos transtornos da personalidade. *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo* 9(1):29-65.

Morana, H. C. P. (2003). *Identificação do ponto de corte para a escala PCL-R (Psychopathy Checklist Revised) em população forense brasileira: caracterização de dois subtipos da personalidade; transtorno global e parcial*. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Nascimento, R. S. G. F. (1993). *Bipolares: um estudo característico de personalidade através do Rorschach, no estado eutímico*. Tese de doutorado, Faculdade de Psicologia da PUCSP, São Paulo.

Organização Mundial da Saúde (Coord.). (1993). *Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10*. (D. Caetano, trad.), Porto Alegre: Artes Médicas.

Outeiral, J. O. (1994). *Adolescer: estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Papalia, D. E. (1981). *O mundo da criança: da infância à adolescência* (A. B. Simões, trad.). São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.

Pessanha, A. L. S. (2001). Adolescência-tanto faz?. Em Levisky, D. W. (Org.), *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”*. (pp. 111-122). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Santos, B. R. dos (2002). A emergência da concepção moderna de infância e adolescência. Mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias. Em Koller, S. H. (Org.), *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. (pp. 16-25) Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.

Santrock, J. W. (2003). *Adolescência* (8ª ed.) (A. B. Pinheiro de Lemos, trad.). Rio de Janeiro: LTC.

Semer, N. L. (1999). *Estudo da auto-estima de crianças enuréticas pelo método de Rorschach*. Monografia de doutorado apresentada à Universidade Federal de São Paulo.

Sendín, C. e Exner, J. E. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo* (Laila Yazigi de Massuh, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Serrano, G., El-Astal, S., Faro, F. (2004). La adolescencia en España, Palestina y Portugal: análisis comparativo. *Psicothema*, 16 (3), 468-475.

Shelley, L. I. (1990). The internationalization of crime: the changing relationship between crime and development. *Essays on crime and development* 36. Unicri, 119-120.

Shoemaker, D. J. (1996). Theories of delinquency – an examination of explanations of delinquent behavior. Nova York: Oxford University Press In Feijó, M. C. e Assis S. G. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia* 2004, 9(1),157-166.

Svrakic, D. M. E McCallum, K. (1991). Antisocial behavior and personality disorders. *American journal of psychotherapy*. 45 (2) april, 181-197.

Trindade, J. (1996). *Delinqüência juvenil: uma abordagem transdisciplinar* (2ªed.). Porto Alegre: Livraria do advogado.

Vaz, C. E. (1997). *O Rorschach: teoria e desempenho* (3ª ed.). São Paulo: Manole.

Volacka, J. (1992) Psychobiology of the violent offender. *Journal of forensic Sc.* 37(1): pp.-237-51.

Volpi, M. (Org.); Saraiva, J. B. & Korner Jr., R. (1997). *Adolescentes privados de liberdade: a normativa Nacional e internacional & reflexões sobre a responsabilidade penal dos adolescentes*. São Paulo: Cortez.

Webster-Stratton, C. (1993). Strategies for helping early school-aged children with oppositional defiant and conduct disorders: the importance of home-school partnerships. *Scholl Psychology review*. 22 (3), 437-457.

Weiner, I. B. (1970). Psychological disturbance in adolescence. Em Campos, D. M. S. *Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia* (11ª ed.) Petrópolis: Vozes.

Weiner, I. B. (2000). *Princípios da interpretação do Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D. W. (1956/1993). Pediatría e neurose infantil. Em *Textos selecionados: da pediatría à psicanálise* (J. Russo, trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Winnicott, D. W. (1965/1990). El niño y el mundo externo. Em Chamorro, M. S. *Psicoterapia dinâmica na delinqüência juvenil*. Goiânia: Dimensão.

Winnicott, D. W. (1987). *Privação e delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes.

ANEXOS

Anexo 1

Variáveis com o Índice Kappa.

<i>Variável</i>	Índice Kappa	<i>p</i>
<i>W</i>	0,909	0,000
D	0,764	0,000
Dd	0,824	0,000
S	0,746	0,000
DQ+	0,601	0,000
DQo	0,662	0,000
DQv	0,687	0,000
DQv/+	0,864	0,000
FQ+	1,000	0,000
FQo	0,806	0,000
FQu	0,571	0,000
FQ-	0,734	0,000
M	0,836	0,000
FM	0,797	0,000
m	0,783	0,000
a	0,688	0,000
p	0,576	0,000
FC	0,792	0,000
CF	0,786	0,000

C	0,684	0,000
Cn	1,000	0,000
FC'	0,813	0,000
C'F	0,803	0,000
C'	0,888	0,000
FT	1,000	0,000
TF	1,000	0,000
T	1,000	0,000
FV	0,888	0,000
VF	1,000	0,000
V	1,000	0,000
FY	0,736	0,000
YF	1,000	0,000
Y	1,000	0,000
F	0,784	0,000
(2)	0,791	0,000
H	0,919	0,000
(H)	0,784	0,000
Hd	0,871	0,000
(Hd)	0,710	0,000
Hx	0,662	0,000
A	0,916	0,000
(A)	0,716	0,000
Ad	0,735	0,000

(Ad)	1,000	0,000
An	0,822	0,000
P	0,772	0,000
AG	0,767	0,000
COP	0,763	0,000
MOR	0,517	0,000

Anexo 2

Tabela estatística descritiva – adolescentes não infratores.

	Média	DP	Freqüência	Assimetria	Kurtose	Mediana	Moda	Mínimo	Máximo
Idade	16,05	0,88	40	-0,58	-0,37	16,00	16	14	17
Série	7,2	1,9	40	-0,3	-0,4	7	8	2	10
R	20	6	40	1,87	4,14	18	18	14	42
W	6,4	3,78	40	1,26	3,13	6	6	1	20
D	9,4	5,68	40	1,2	1,66	9	5	2	26
Dd	4,2	2,97	40	0,89	1,46	3	3	0	14
S	1,4	1,21	40	0,34	-0,83	1,5	0	2	0
M	3,58	2,05	40	0,27	-0,93	3	2	0	8
FM	5,2	2,82	40	0,54	-0,15	4,5	4	1	13
m	1,15	1,14	40	0,88	0,16	1	0	0	4
FC	2,58	2,11	40	0,44	-0,86	2	0	0	7
CF	0,5	0,78	40	1,51	1,61	0	0	0	3
C	0,5	0,93	40	2,19	4,88	0	0	0	4
Cn			40			0	0	0	0
C'	2,33	2,39	40	3,1	14,14	2	1	2	0
T	0,38	0,81	40	2,89	10,06	0	0	0	4
V	0,23	0,42	40	1,37	-0,13	0	0	0	1
Y	0,28	0,55	40	1,95	3,04	0	0	0	2
FD	0,28	0,51	40	1,66	2,02	0	0	0	2
F	5,33	2,87	40	1,35	2,31	5	5	1	14
Par	3,9	3,09	40	1,22	1,65	4	4	0	13
Ativo	4,65	2,28	40	-0,29	-0,32	5	4	5	0
Passivo	5,25	2,65	40	0,44	-0,29	6	6	1	11
Ma	1,38	1,25	40	0,87	0,41	1	1	0	5
Mp	2,2	1,81	40	1,29	1,13	2	1	0	7
Pop	3,48	1,54	40	0,79	-0,01	3	3	1	7
H	2	1,24	40	0	-0,97	2	1	2	3
(H)	1,35	1,29	40	0,95	0,48	1	1	0	5
Hd	0,73	0,99	40	1,77	3,09	0,5	0	0	4
(Hd)	0,53	0,82	40	1,4	1,04	0	0	0	3
Hx	0,25	0,67	40	2,89	8,2	0	0	0	3
A	7,4	3,38	40	0,34	-0,71	7	4	2	15
(A)	0,23	0,42	40	1,37	-0,13	0	0	0	1
Ad	1,43	1,5	40	2,05	5,44	1	1	0	7
(Ad)	0,05	0,22	40	4,29	17,28	0	0	0	1
An	1,05	1,06	40	0,44	-1,18	1	0	0	3
Art	0,45	0,75	40	1,72	2,59	0	0	0	3
Ay	0		40			0	0	0	0
Bl	0,57	0,9	40	1,64	1,94	0	0	0	3

Bt	1,78	2,01	40	1,15	1,01	1	0	0	8	
Cg	1,53	1,32	40	1,03	1,9	1	1	2	0	6
Cl	0,25	0,54	40	2,15	3,9	0	0	0	2	
Ex	0,1	0,38	40	4,11	17,37	0	0	0	2	
Fi	0,48	0,64	40	1,02	0,04	0	0	0	2	
Fd	0,18	0,45	40	2,64	6,87	0	0	0	2	
Ge	0,2	0,52	40	2,63	6,3	0	0	0	2	
Hh	0,45	0,68	40	1,75	3,89	0	0	0	3	
Ls	0,73	1,06	40	2,08	5,7	0	0	0	5	
Na	1	1,22	40	1,07	0,13	1	0	0	4	
Sc	1	1,13	40	1,56	3,34	1	0	0	5	
Sx	0,15	0,43	40	3,01	9,22	0	0	0	2	
Xy	0,08	0,27	40	3,35	9,74	0	0	0	1	
ld	0,55	0,78	40	1,34	1,24	0	0	0	3	
AB	0,08	0,27	40	3,35	9,74	0	0	0	1	
AG	0,15	0,36	40	2,04	2,26	0	0	0	1	
COP	0,85	0,95	40	0,88	-0,14	1	0	0	3	
CP	0,05	0,22	40	4,29	17,28	0	0	0	1	
MOR	1,08	1,73	40	3,72	18,15	1	0	0	10	
PER	0,13	0,4	40	3,48	12,57	0	0	0	2	
Lambda	0,39	0,21	40	0,69	-0,09	0,36	0,2	0,06	0,87	

Anexo 3

Tabela estatística descritiva – adolescentes com furto.

	Media	DP	Freqüência	Assimetria	Kurtose	Mediana	Moda	Mínimo	Máximo
Idade	16,65	0,66	40	-1,7	1,6	17,00	17	15	17
Serie	4,7	1,75	40	0,31	1,09	4	4	0	9
R	22	6,86	40	1,51	3,73	20	16	14	48
W	5,48	3,43	40	2,06	7,37	5	5	1	20
D	11,48	5,5	40	0,84	1,22	11	8 11	1	28
Dd	5,05	3,87	40	1,33	1,56	4	4	0	16
S	1,4	1,72	40	1,69	2,73	1	0	0	7
M	3,23	2,46	40	1,58	2,37	2	2	0	11
FM	5,83	3,47	40	0,81	0,73	5	5	0	16
m	0,85	0,95	40	0,88	-0,14	1	0	0	3
FC	1,48	1,26	40	0,79	0,38	1	1	0	5
CF	0,28	0,72	40	3,07	9,5	0	0	0	3
C	0,7	0,97	40	1,19	0,32	0	0	0	3
Cn	0	0	40			0	0	0	0
C'	2,13	2,04	40	1	0,73	2	0	0	8
T	0,1	0,3	40	2,77	5,98	0	0	0	1
V	0,05	0,22	40	4,29	17,28	0	0	0	1
Y	0,38	0,81	40	2,89	10,06	0	0	0	4
FD	0,23	0,73	40	4,13	18,9	0	0	0	4
F	8,25	3,59	40	0,7	0,65	8	8	2	18
PAR	4,83	2,99	40	0,03	-0,924	5	5 6	0	10
Ativo	4,25	2,51	40	0,15	-0,95	4	5	0	9
Passivo	5,65	3,79	40	1,3	1,87	5	3	0	17
Ma	1,2	1,49	40	1,7	2,88	1	0	0	6
Mp	2,03	1,76	40	0,99	0,39	2	1	0	7
Pop	3,53	1,41	40	-0,11	-0,69	3,5	3	1	6
H	2,17	2,06	40	2,21	7,69	2	2	0	11
(H)	0,98	1,37	40	1,88	3,99	0,5	0	0	6
Hd	1,58	1,77	40	1,78	3,9	1	1	0	8
(Hd)	0,28	0,55	40	1,95	3,04	0	0	0	2
Hx	0,2	0,72	40	4,38	20,79	0	0	0	4
A	9,15	4,86	40	1,15	1,42	8	8	3	24
(A)	0,2	0,52	40	2,63	6,29	0	0	0	2
Ad	1,7	2,01	40	1,58	3,2	1	0	0	9
(Ad)	0,13	0,33	40	2,36	3,74	0	0	0	1
An	1,33	1,56	40	1,26	1,07	1	0	0	6
Art	0,48	0,82	40	2,47	8,04	0	0	0	4

Ay	0	0	40			0	0	0	0
Bl	0,63	1	40	1,79	2,86	0	0	0	4
Bt	1,43	1,93	40	1,6	1,96	1	0	0	7
Cg	1,08	1,07	40	1,42	3,29	1	1	0	5
Cl	0,15	0,43	40	3,01	9,22	0	0	0	2
Ex			40			0	0	0	0
Fi	0,43	0,75	40	1,82	2,91	0	0	0	3
Fd	0,15	0,43	40	3,01	9,22	0	0	0	2
Ge	0	0	40			0	0	0	0
Hh	0,45	0,71	40	1,74	3,18	0	0	0	3
Ls	0,95	1,04	40	0,83	0,18	1	0	0	4
Na	0,53	0,75	40	1,44	1,86	0	0	0	3
Sc	0,98	1,27	40	1,63	2,29	1	0	0	5
Sx	0,38	0,84	40	2,21	3,85	0	0	0	3
Xy	0,13	0,33	40	2,36	3,74	0	0	0	1
ld	0,78	0,83	40	1,02	0,77	1	0	1	0
AB	0,3	0,61	40	1,92	2,62	0	0	0	2
AG	0,28	0,68	40	2,70	7,19	0	0	0	4
COP	0,43	0,78	40	1,79	2,4	0	0	0	3
CP	0,08	0,27	40	3,35	9,74	0	0	0	1
MOR	0,48	0,96	40	3,09	12,13	0	0	0	5
PER	0,3	0,82	40	3,45	12,55	0	0	0	4
Lambda	0,65	0,31	40	0,29	-0,68	0,69	0,23	0,13	1,33
							0,43		
							0,54		
							0,55		
							0,75		
							0,8		
							0,9		
							0,93		

Anexo 4

Tabela estatística descritiva – adolescentes com homicídio.

	Média	DP	Frequência	Assimetria	Kurtose	Mediana	Moda	Mínimo	Máximo
Idade	16,43	0,93	40	-1,98	4,24	17,00	17	13	17
Série	5	1,98	40	0,17	-0,36	5,00	4	1	9
R	24,48	6,51	40	0,72	-0,03	23,00	20	14	41
W	6,68	4,36	40	1,19	1,55	6,00	5	1	19
D	12,48	5,92	40	1,05	2,46	12,00	10-12-14-18	3	33
Dd	5,35	3,61	40	0,73	-0,34	5,00	2 4 5	0	13
S	2,00	2,01	40	1,41	1,83	1,00	1	0	8
M	4,78	3,89	40	1,19	0,73	4,00	1 4	0	15
FM	5,13	2,92	40	0,64	-0,31	5,00	4	1	12
m	0,12	1,07	40	0,73	0,15	1,00	0	0	4
FC	2,05	2,06	40	1,85	3,57	1,00	1	0	9
CF	0,53	0,85	40	2,18	6,2	0,00	0	0	4
C	0,80	1,04	40	1,28	1,13	0,00	0	0	4
Cn	0,13	0,52	40	4,92	26,13	0,00	0	0	3
C'	1,88	1,74	40	1,12	1,04	1,00	1	0	7
T	0,20	0,52	40	2,63	6,3	0,00	0	0	2
V	0,20	0,46	40	2,33	5,14	0,00	0	0	2
Y	0,48	0,75	40	1,24	-0,01	0,00	0	0	2
FD	0,18	0,38	40	1,78	1,22	0,00	0	0	1
F	9,23	5,03	40	0,73	-0,01	8	8	1	21
Par	4,97	3,25	40	0,3	-0,61	5	4 5 8	0	12
Ativo	4,38	3,21	40	1,44	2,83	3,5	2	1	16
Passivo	6,58	4,88	40	1,79	3,94	5	3 4 5 7	1	24
Ma	1,55	1,71	40	1,53	2,27	1	1	0	7
Mp	3,25	3,16	40	1,36	1,52	3	0 1 3	0	13
Pop	3,55	1,36	40	0,5	0,16	3	3	1	7
H	2,8	2,73	40	1,24	1,14	2	2	0	11
(H)	1,23	1,16	40	0,46	-0,87	1	0	0	4
Hd	1,19	2,05	40	1,44	1,67	1	0	0	8
(Hd)	0,6	0,9	40	1,35	0,81	0	0	0	3
Hx	0,57	1,41	40	3,17	11,18	0	0	0	7
A	8,07	3,38	40	0,81	0,81	7,5	7 8	2	18
(A)	0,63	1,12	40	1,94	2,99	0	0	0	4
Ad	1,88	2,06	40	1,02	0,16	1	0	0	7
(Ad)	0,05	0,22	40	4,29	17,28	0	0	0	1
An	1,13	1,32	40	1,64	3,56	1	0	0	6
Art	0,55	0,81	40	1,63	2,42	0	0	0	3
Ay	0,1	0,3	40	2,77	5,98	0	0	0	1

Bl	0,55	0,75	40	1,36	1,68	0	0	0	3
Bt	1,93	1,72	40	0,83	-0,05	1,5	1	0	6
Cg	1,43	1,45	40	0,69	-0,56	1	0	0	5
Cl	0,3	0,56	40	1,77	2,34	0	0	0	2
Ex	0,05	0,22	40	4,29	17,28	0	0	0	1
Fi	0,53	0,68	40	1,46	3,05	0	0	0	3
Fd	0,43	0,71	40	1,74	3,18	0	0	0	3
Ge	0,1	0,3	40	2,77	5,98	0	0	0	1
Hh	0,53	0,93	40	1,72	1,85	0	0	0	3
Ls	1,4	1,66	40	1,86	5,08	1	0	0	8
Na	1,02	1,23	40	1,43	1,95	1	0	0	5
Sc	0,98	1,31	40	2,71	10,68	1	0	0	7
Sx	0,45	0,85	40	1,9	2,81	0	0	0	3
Xy	0,13	0,33	40	2,36	3,74	0	0	0	1
ld	0,83	0,93	40	1,17	0,79	1	0 1	0	3
AB	0,65	2,22	40	5,82	35,52	0	0	0	14
AG	0,43	0,90	40	2,33	5,56	0	0	0	4
COP	0,73	1,09	40	1,72	2,65	0	0	0	4
CP	0,08	0,27	40	3,35	9,74	0	0	0	1
MOR	0,93	1,42	40	1,89	3,47	0	0	0	6
PER	0,43	0,81	40	1,66	1,69	0	0	0	3
Lambda	0,67	0,39	40	0,38	-0,76	0,67	0,67	0,06	1,54